

Joana Teixeira

2º Ciclo de Estudos em Linguística

Alguns aspetos sintáticos das exclamativas Q frásicas em Português Europeu

2014

Orientador: Professora Doutora Ana Maria Brito

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:

Agradecimentos

Agradeço, em especial, à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Maria Brito, por todo o apoio e disponibilidade desde o meu ingresso no Mestrado em Linguística até esta fase, pelos ensinamentos que partilhou comigo, pelo incentivo constante que me deu.

Agradeço a todos os meus Professores do Mestrado, pelos conhecimentos que me transmitiram em cada uma das Unidades Curriculares. Em especial, agradeço à Professora Doutora Belinda Maia pelo auxílio prestado na pesquisa de *corpus*.

Obrigada aos meus pais, por tudo, por me terem ensinado a querer descobrir e aprender sempre mais.

Agradeço ao Rui, ao Hélder e à Ana pela paciência, pela presença e pelo apoio constantes neste caminho.

Obrigada a todos os que estiveram comigo neste percurso; à família, aos amigos e aos colegas, pelos incentivos, pelo interesse e pelas palavras de apoio.

Lista de siglas e de abreviaturas utilizadas

CP – Complementizer Phrase

COMP – Complementador

C – Complementizer

ESP – Especificador

EXCL – Exclamativo

FACT – Factividade / Facto

OD – Objeto direto

PE – Português Europeu

SN – Sintagma Nominal

SD – Sintagma Determinante

SADV – Sintagma Adverbial

SADJ – Sintagma Adjetival

SP – Sintagma Preposicional

SCOMP – Sintagma Complementador

SPEC - Especificador

SU – Sujeito

WH – equivalente a Q

WH Phrase – sintagma Q

V – Verbo

Índice

Agradecimentos	ii
Lista de siglas e de abreviaturas utilizadas	iii
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Introdução	8
Capítulo I - Exclamações e frases exclamativas.....	10
1. Introdução.....	10
1.1. Posição de alguns autores	10
1.1.1. Michaelis (2001)	10
1.1.2. Castroviejo Miró (2008).....	10
1.1.3. Zanuttini e Portner (2003).....	12
1.1.4. Marandin (2008).....	14
1.2. A frase exclamativa	14
1.2.1. As frases exclamativas, segundo Michaelis (2001)	14
1.2.2. As frases exclamativas segundo Gutiérrez Rexach (2008)	24
1.2.3. As frases exclamativas, segundo González Rodríguez (2008)	24
1.2.4. As frases exclamativas, segundo Zanuttini e Portner (2003)	26
1.2.5. As frases exclamativas, segundo Marandin (2008).....	27
1.3. Propriedades que afastam e aproximam diversas estruturas sintáticas das frases exclamativas.....	32
1.3.1. Exclamativas Q e interrogativas Q.....	32
1.3.2. Exclamativas totais e interrogativas retóricas	36
1.3.3. Frases exclamativas e frases optativas	38
1.3.4. Exclamações, interjeições e frases declarativas	40
1.3.5. Frases exclamativas e frases declarativas.....	43
1.4. Conclusões do Capítulo I.....	47
Capítulo II - Análise sintática de alguns tipos de exclamativas em Português Europeu	49
2. Introdução.....	49
2.1. Posição de alguns autores	49
2.1.1. Ambar (2001)	50
2.1.2. Duarte (2003)	54
2.1.2.1. Exclamativas totais:.....	54

2.1.2.2.	Exclamativas parciais	57
2.1.2.3.	Exclamativas parciais elípticas	57
2.1.2.4.	Exclamativas parciais não elípticas	58
2.1.3.	Amaral (2009)	62
2.1.4.	Martins (2013).....	66
2.1.5.	Barbosa (2013)	69
2.2.	Conclusões do Capítulo II.....	72
Capítulo III - Análise de alguns tipos de exclamativas Q frásicas em Português Europeu		75
3.	Introdução.....	75
3.1.	Metodologia adotada para a pesquisa de <i>corpus</i>	75
3.2.	Enquadramento teórico adotado	76
3.3.	Análise sumária dos dados.....	77
3.4.	Análise sintática e semântica de alguns tipos de exclamativas Q frásicas e construções similares	82
3.4.1.	Interrogativas Q e exclamativas Q	83
3.4.2.	Optativas e exclamativas Q	85
3.4.3.	Exclamativas Q frásicas	86
3.5.	Conclusões do Capítulo III	98
Conclusões		101
Referências bibliográficas.....		103

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo primordial estudar as propriedades sintáticas de um tipo de estrutura exclamativa em particular, a exclamativa *Q* frásica em Português Europeu (PE). São utilizados principalmente exemplos provenientes do *corpus* CETEMPúblico, bem como alguns exemplos de registos orais.

O estudo elaborado levantou várias questões, entre as quais as semelhanças e as diferenças entre exclamativas *Q* e as interrogativas *Q*. De facto, a sintaxe destes dois tipos de frases é, nalguns aspetos, similar, mas também há diferenças, que acompanham as propriedades semânticas e pragmáticas destes dois tipos de frases.

O estudo sintático incidiu especialmente em dois tipos de exclamativas: frásicas com e sem complementador *que*. Foi também efetuado um levantamento das características que aproximam e afastam as exclamativas de outros tipos de frase. Em termos semânticos, destacam-se algumas propriedades das exclamativas *Q*, como a factividade e a expressão de um estado emocional.

No que concerne à análise sintática, destacam-se duas perspetivas: uma delas advoga a existência de várias projeções funcionais na periferia esquerda da frase, concebendo assim estruturas altamente hierarquizadas; é a perspetiva adotada por estudiosos como Rizzi (1999), Obenauer (1994, 2004), Ambar (2001) e Amaral (2009). Por outro lado, alguns autores, como Duarte (2003) postulam que a estrutura sintática da exclamativa *Q* pode ser mais simples, sem perder as propriedades sintáticas e semânticas que lhe são inerentes. Defendemos que é possível representar devidamente a exclamativa *Q* em PE recorrendo a uma estrutura simples, com ênfase na presença dos traços [+ avaliativo] e [+ *Q*], análise que defendemos a partir de exemplos do *corpus*.

Palavras-chave: *exclamativas, exclamativas Q frásicas, sintagma Q, factividade, sintaxe, semântica.*

Abstract

The main goal of this work is to study the syntactic properties of a particular type of exclamative structures, sentential *wh* exclamatives, regarding European Portuguese (EP). We mainly use examples from the *corpus* CETEMPúblico, as well as examples from oral conversations.

This research raised several issues, among them the similarities and differences between *wh* exclamatives and *wh* interrogatives. In fact, the syntax of these two types of sentences is often very similar, but there also differences that are related to semantic and pragmatic aspects.

The syntactic study was focused specifically on two types of exclamative sentences: with and without complementizer *que*. This work also tries to point out the differences between exclamative sentences and other sentence types. In semantic terms, we point out some properties of *wh* exclamatives, as factivity and the speaker's expression of an emotional state.

Regarding the syntactic analysis, we highlight two perspectives: one advocates the existence of various functional projections in the left periphery of the sentence, thus conceiving highly hierarchical structures; this is the perspective adopted by scholars as Rizzi (1999), Obenauer (1994, 2004), Ambar (2001) and Amaral (2009). On the other hand, some authors, such as Duarte (2003) postulate that the syntactic structure of *wh* exclamatives can be simpler, without losing the syntactic and semantic properties that are inherent. We argue that it is possible to properly represent the *wh* exclamative in EP using a simple structure, with emphasis on the presence of traces [evaluative +] and [+*wh*]. This is the perspective we use to analyze the examples from our *corpus*.

Keywords: *wh* exclamative, *wh* sentential exclamative, *wh* phrase, factivity, syntax, semantics.

Introdução

As frases exclamativas constituem um recurso frequente em muitas línguas do mundo, sendo estruturas que apresentam grande heterogeneidade; na definição de “frase exclamativa” estão incluídas muitas estruturas distintas e nestas podem ocorrer diversos processos sintáticos e semânticos. Embora os contextos em que são produzidas possam variar muito, a frase exclamativa permite ao enunciador expressar-se sobre o que o rodeia ou sobre si mesmo.

O objetivo da presente dissertação é partir de uma visão geral da frase exclamativa, para posteriormente reduzir o campo de estudo às frases designadas por “exclamativas Q”, isto é, estruturas exclamativas iniciadas por uma palavra Q. Este tipo de estrutura inclui construções iniciadas por *Que*, *Quem*, *Como*, *Quão*, entre outras palavras; porém, por razões de economia de espaço e para possibilitar uma análise com alguma profundidade, o escopo foi reduzido para o estudo de exclamativas Q frásicas iniciadas pelo sintagma Q *Que*.

O trabalho terá como ponto de partida um enquadramento teórico subjacente ao tema, conduzindo a uma análise sintática e semântica de algumas estruturas do Português Europeu (PE). Faremos uma divisão dos tipos de frase encontrados, de acordo com as suas especificidades sintáticas, optando depois por estudar mais detalhadamente dois tipos de construções, correspondentes a exclamativas Q frásicas.

Os exemplos que foram utilizados para elaborar esta dissertação, nomeadamente o Capítulo III, provêm do *corpus* do CETEMPúblico. Existem também algumas menções a exemplos orais. Desta forma, atendendo ao facto de se tratar de um *corpus* maioritariamente escrito, quando for necessário destacar aspetos distintivos de entoação e prosódia, recorrerrei também à minha competência linguística como falante nativa do PE, por não ser possível obter exemplos falados na recolha efetuada.

A presente dissertação divide-se em três capítulos. No Capítulo I, são apresentados e distinguidos os conceitos de exclamação e exclamativa, considerando vários autores, como Michaelis (2001), Zanuttini e Portner (2003), Castroviejo (2008), González Rodríguez (2008) e Marandin (2008). É feita a caracterização da frase exclamativa, a partir das ideias dos autores referidos e ainda de Gutiérrez Rexach (2008) e González

Rodríguez (2008). Ainda neste capítulo, são referidas algumas propriedades que afastam e aproximam diversas estruturas sintáticas das frases exclamativas. São comparadas exclamativas Q e interrogativas Q, exclamativas totais e interrogativas retóricas, frases exclamativas e frases optativas, exclamações, interjeições e frases declarativas.

No Capítulo II, é apresentada a análise sintática de alguns tipos de exclamativas em PE, partindo de trabalhos de Ambar (2001), Duarte (2003), Amaral (2009), Martins (2013). Faremos, também, uma breve referência a Barbosa (2013). Será mencionado Rizzi (1999), devido à conceção do sistema complementador (CP) deste autor, que foi precursora das ideias de outros autores, como Ambar e Amaral.

Finalmente, no Capítulo III é efetuada uma análise de alguns tipos de exclamativas Q frásicas em PE, recorrendo a exemplos obtidos através da pesquisa de *corpus*. Apresentaremos a metodologia adotada para a pesquisa de *corpus*, bem como o enquadramento teórico subjacente ao nosso trabalho. Posteriormente, os dados recolhidos serão estudados e analisados de acordo com as suas propriedades sintáticas e semânticas fundamentais, numa perspetiva comparada entre interrogativas Q e exclamativas Q, optativas e exclamativas Q.

Capítulo I - Exclamações e frases exclamativas

1. Introdução

Neste capítulo vamos discutir os conceitos de “exclamação” e “exclamativa”, debatidos na literatura por vários autores, como Michaelis (2001), Zanuttini e Portner (2003), Castroviejo Miró (2008) e Marandin (2008).

1.1. Posição de alguns autores

1.1.1. Michaelis (2001)

Michaelis (2001) considera que a identificação de um tipo de frase passa pela compreensão do par forma/função. A importância dessa compreensão ganha peso quando nos referimos a construções exclamativas e a exclamações, “uma vez que os termos exclamação e exclamativa têm sido frequentemente usados para designar declarações enfáticas ou expressivas em geral” (Michaelis, 2001:1038). Assim, é importante afinar as diferenças que rejeitam a utilização indiscriminada destes dois termos. A estudiosa diz que a exclamação é considerada a manifestação de um estado emocional do falante e se refere ao fenómeno expressivo, enquanto as frases exclamativas são construções específicas, no seu ponto de vista pouco exploradas, provavelmente devido à ausência de fundamentos concetuais sólidos que sustentem essa análise.

1.1.2. Castroviejo Miró (2008)

Embora seja frequente a confusão entre exclamação e exclamativa, para Castroviejo Miró (2008) a distinção é clara. A autora defende que estes conceitos apenas partilham dois aspetos: a entoação empática e a atitude não neutra por parte do falante. Para a autora, a exclamativa é uma noção sintática e a exclamação é uma construção pragmática que visa expressar os sentimentos do falante.

A estudiosa vê as exclamações como parte integrante de um conjunto mais extenso de atos de fala expressivos, ainda que aquelas possuam um comportamento peculiar, uma vez que o significado expressivo não é transportado por um verbo performativo. Um exemplo de exclamação, de acordo com Castroviejo Miró, são as exclamativas Q. Analisando as propriedades discursivas deste tipo de construção, distingue algumas características que definem o comportamento pragmático que adotam:

As exclamativas são apropriadas como resposta a um estímulo; porém, não servem como resposta a um pedido ou pergunta do interlocutor (Castroviejo Miró, 2008:48-49). Em particular, e como Grimshaw (1979) já tinha afirmado, as exclamativas não servem como resposta a perguntas Q de grau. De facto, a interpretação que se obtém no exemplo que se segue é a de expressão de espanto perante a altura de Bill e não como estratégia de esclarecimento à questão colocada:

1)

A - How tall is Bill?

B - #How tall he is!

Com efeito, a exclamativa inclui conteúdo semântico passível de responder a uma questão; entender uma exclamativa implica fazer uma interpretação de que o grau em que Bill é alto é elevado (cf. Castroviejo Miró, 2008). Por essa razão, Grimshaw já tinha introduzido a noção de factividade como ingrediente das frases exclamativas. Esta autora propõe mesmo que as exclamativas em si são factivas porque envolvem uma pressuposição, como descrito em 2):

2) How tall is Bill! \longrightarrow Bill is tall.

Por esta razão, Castroviejo Miró opina que as exclamativas Q não possuem poder assertivo e que, em geral, não constituem respostas aceitáveis a questões colocadas por outras razões; traduzimos os exemplos do Espanhol para o Português:

3)

A - Que vos parece irmos a S. Alguer?

B - Que ideia fabulosa!

No par pergunta / resposta 3) vemos que a frase proferida por B é uma “resposta” à proposta feita para ir até S. Alguém e não propriamente à pergunta efetuada. A resposta é apropriada, uma vez que o que o falante espera ao perguntar não é um relato literal do que o interlocutor pensa da ideia, mas sim perceber a reação emocional relativamente ao conteúdo da mesma. Um exemplo em que esta situação não ocorre é em:

4)

A - O que pensas da Maria?

B - Que rapariga fantástica! (Castroviejo Miró, 2008:50)

Castroviejo Miró refere também o caso das perguntas polares, que exigem resposta sim / não e que muitas vezes são respondidas com exclamativas Q:

5)

A - Pensas que vou conseguir o trabalho?

B - Que ingénuo que és! (Castroviejo Miró, 2008:50)

6)

A – Achas que o João vai comparecer à reunião?

B – Como é que ainda pensas nisso é que eu não sei!

A autora conclui, então, que as exclamativas não podem ser utilizadas como respostas a perguntas de grau, não havendo entraves à sua utilização como respostas a outros tipos de perguntas e como fornecedoras de informação não solicitada, quando a relevância nos conduza a inferir a resposta dada.

1.1.3. Zanuttini e Portner (2003)

Também estes autores advogam a distinção entre força ilocutória (“illocutionary force”) e força “frásica” (“sentential force”). Isto significa que a qualquer tipo de frase pode associar-se a força ilocutória que expressa exclamação, mas apenas as frases

exclamativas podem ser associadas à força “frásica” (cf. 2003:3). Assim sendo, os autores diferenciam “exclamativa” e “exclamação”, dado que a primeira constitui um tipo de frase, com sintaxe própria, enquanto a exclamação pode figurar em diversas estruturas. Quanto à distinção entre força ilocutória e frásica, os autores exemplificam com algumas frases, aqui renumeradas como 7) e 8):

- 7) What a nice guy he is!
- 7a) *What a nice guy is he?
- 8) How very tall she is!
- 8a) *How very tall is she?

Como notam os estudiosos, as duas frases, 7) e 8), são exclamativas e possuem um constituinte Q no início. Diferem das interrogativas, contudo, por não ser possível a ocorrência de inversão sujeito – auxiliar. Para os autores, estas frases possuem força ilocutória mas não possuem força “frásica”. Tal como indicam, “a força frásica não está diretamente codificada na sintaxe, mas deriva de componentes de significado que estão” (cf. Zanuttini e Portner, 2003:03). Desta forma, frases como as que se seguem são definidas pelos estudiosos como declarativa e interrogativa, respetivamente (de notar o sinal gráfico de exclamação no segundo exemplo dos autores, tratando-se de uma interrogativa). Assim, são exclamações, mas não exclamativas:

- 9) He’s so cute! (Declarativa).
- 10) Isn’t he the cutest thing! (Interrogativa).

Contrariando a ideia que postula que o tipo de frase é sintaticamente identificável através da expressão de força ilocutória, Zanuttini e Portner questionam se a força “frásica” é representada na estrutura sintática, referindo que “É evidente que é possível que a força seja representada sintaticamente, mas os dados que temos também são compatíveis com a hipótese de que a força seja aplicada nos componentes semânticos ou pragmáticos, sem necessidade de qualquer realização gramatical” (2003:43, tradução minha). As propriedades semânticas (factividade e conjunto de proposições possíveis) identificam o tipo de frase e estas características são apresentadas através da sintaxe, como veremos adiante.

1.1.4. Marandin (2008)

Na mesma linha, Marandin considera que as frases exclamativas têm de possuir certas características formais e que existem frases por vezes classificadas como exclamativas que, na sua opinião, não o são, porque não cumprem esses requisitos. Falaremos deles mais adiante, aquando da discussão das propriedades formais da frase exclamativa. Entre os casos classicamente designados como exclamativas que não são dotados dos critérios estabelecidos pelo autor, encontram-se, por exemplo, frases com SN e SP "intensivos" (cf. 2008:5) como 11) "Paul a acheté un de ces cheval!", traduzida como "O Paul comprou um destes cavalos!", interpretada como referindo-se a um cavalo com características excepcionais, similar a 12) "O Paul comprou *cá* um cavalo!") e 13) "Paul est {d'un intelligent | d'une intelligence}!" (O Paul é de uma inteligência!).

Este tipo de frase, por ser apropriado para figurar como resposta, tem um comportamento similar ao das declarativas. Dificilmente se integram com negativas encaixadas e aceitam marcadores de perspectiva com conteúdo não escalar (cf. 2008:6).

1.2. A frase exclamativa

Feita a distinção entre os conceitos de exclamação e de exclamativa, fica a pergunta: afinal, o que caracteriza a frase exclamativa, dando-lhe especificidade? Também para esta questão existem diversas respostas de vários autores, que apresentaremos de seguida.

1.2.1. As frases exclamativas, segundo Michaelis (2001)

Como dissemos, Michaelis entende que por "tipo de frase" se designa o conjunto formado pela forma e pela função da estrutura. De acordo com a autora, as propriedades semânticas e pragmáticas partilhadas pelas exclamativas são as que se seguem, e que adiante desenvolveremos (cf. Michaelis, 2001:1041):

- i. existência de uma proposição pressuposta, com um grau como variável;
- ii. expressão de comprometimento face a uma dimensão escalar particular;

- iii. expressão de uma posição afetiva perante uma dimensão escalar particular;
- iv. *deixis* pessoal, porque o falante faz um julgamento de uma situação, por defeito;
- v. identificabilidade do referente de quem a propriedade escalar é predicada.

Em termos formais, a estudiosa nota que as exclamativas se caracterizam pelos aspetos que de seguida são enumerados:

- vi. Frequente coocorrência com interjeições;
- vii. Subordinação a verbos epistémicos e factivos;
- viii. Construções de tópico;
- ix. Advérbios de grau anafóricos;
- x. Forma exclamação / interrogação;
- xi. Complementos SN;
- xii. SN livres;
- xiii. Inversão.

Por se revestirem de importância distinta, apenas vamos referir-nos a algumas das propriedades apontadas.

Coocorrência com interjeições:

Michaelis nota que interjeições que envolvam surpresa surgem, normalmente, em construções exclamativas. A autora exemplifica com frases de várias línguas, mostrando que este padrão é observável em diferentes famílias linguísticas:

Inglês:

14) Jesus, what a mess!

Jesus, que confusão!

Alemão:

- 15) Mein Gott, ist es heiss!
Meu Deus, está quente!

Francês:

- 16) Qu'est-ce qu'il est con, sainte vierge!
Virgem Santa, que palerma que ele é!

Italiano:

- 17) Mamma, quante ore ho speso in vano!
Mãezinha, quantas horas gastei em vão!

Turco:

- 18) Aman, bu ne sicak!
INTERJ isto quão/como calor!
Uau, está tão quente!

Mandarim:

- 19) Name gui ya!
isso.tão caro INTERJ
Uau, tão caro!

Subordinação com verbos epistêmicos e factivos:

Desenvolvendo ideias de Grimshaw (1979) e Milner (1978), Michaelis distingue frases principais exclamativas de construções que contêm complementos exclamativos. É exemplo do primeiro caso a frase 20) “Qu'est-ce qui est devenu de notre ville!” e do segundo a frase 21) “C'est incroyable qu'est-ce qui est devenu de notre ville!” (cf. Michaelis, 2001:1042). Em ambas pressupõe-se que a cidade se tornou em algo incrível,

mas a primeira é uma frase exclamativa independente e a segunda é uma frase exclamativa subordinada.

As frases similares à do exemplo 21) são “exclamativas indiretas” (Milner, 1978), apresentando frequentemente verbos matriz e adjetivos factivos, pressupondo a verdade dos seus complementos. Estes verbos e adjetivos pressupõem também uma norma com a qual o resultado ou situação em questão é implicitamente comparado.

Muitas vezes, o verbo lexical é uma forma negada do verbo (*acreditar*, *crer*...) e pode ser acompanhado por um elemento que denote capacidade, capacidade esta que surge negada.

Italiano:

- 22) Non ci posso credere
Não isso poder.1SG crer.INF
che hai speso così tanto!
que .3SG gastou assim tanto
Não posso crer que gastou tanto!

Turco:

- 23) Nereye kadar yüzmüssün ki
onde longe nadar.2SG EXCL
inanmtyiorum
acredito NEG.PRES.1SG
Não acredito quão longe nadaste!

Malaio:

- 24) Saya tak percaya siapa yang bercakap
Eu não acredito quem RM falou.
"Não acredito em quem falou!" (No sentido da improbabilidade de o referente se pronunciar (como “Não acredito que ele tenha falado”), e não questionando a veracidade do que disse).

Alemão:

25) Ich kann nicht glauben, wer sich zu Wort gemeldet hat.

Não posso crer em quem falou!

Setswana:

26) Ga ke dumele se re se boneng.

NEG Eu acredito RP nós OM encontrámos.

Não acredito no que encontrámos!

Mandarim:

27) (Wǒ) jiǎnzhi bù gǎn xiāng xìn

(Eu) simplesmente não atrevo acreditar

tā dōu nàme dà le!

3SG mesmo assim.tão grande PERF

Simplesmente, não posso crer que ele está tão crescido agora!

Importa reter um aspeto que é fundamental para a noção de factividade nas exclamativas. Segundo Michaelis (2001), as exclamativas possuem conteúdo proposicional pressuposto, e com isto quer a autora dizer que uma proposição aberta de uma dada forma é tomada como garantida pelo falante. Por exemplo, em 28a) “It’s so hot!”, a proposição aberta 28b) “It’s hot to some degree” é tida como garantida.

Advérbios de grau anafóricos

Michaelis (2001) utiliza o termo "anafórico" para se referir aos usos anafóricos e catafóricos de palavras como *so*, por exemplo. Quer nos usos anafóricos quer nos usos catafóricos, diz a autora que é exigida a presença de uma palavra que requeira que o ouvinte encontre um ponto de referência no contexto. Para a autora, *so* é um advérbio anafórico e comum nas exclamativas; *very* é não anafórico e não se relaciona com a expressão de significado exclamativo (cf. Michaelis, 2001:1044). A autora traça, assim, uma distinção entre “anaphoric degree adverbs, like *so* and *così*, which are generally

found in exclamations, and nonanaphoric degree adverbs like *very* and *molto*, which are not involved in the expression of exclamative meaning” (2001:1044).

Numa frase como 28c) “It's very hot!”, existe um advérbio de grau, *very*, que se comporta de forma diferente de *so*, sendo este um advérbio catafórico. A diferença reside, como já notado por Zwicky (1995), no comportamento sintático dos advérbios do tipo de *so* e do tipo de *very*. Como nota Michaelis, “the prevalence of anaphoric degree words in exclamatives can be explained on the assumption that the scalar proposition expressed in the exclamation is presupposed. If a speaker in using an exclamative construct like *He is so rich* is invoking a knowledge presupposition of the form ‘He is rich to some extent’, then an anaphoric degree adverb like *so* can then be used to refer to that point on a scale of wealth” (2001:1045).

No par de exemplos dados pela autora, aqui numerado como 29), é possível observar que 29a) “I almost fainted, the sun was so hot” e 29b) “*I almost fainted, the sun was very hot”, os advérbios de grau do tipo de *so* têm referência catafórica, enquanto os advérbios de tipo de *very* não têm.

Relação exclamação / interrogação

Sadock e Zwicky (1985) já haviam afirmado que as exclamativas e as frases interrogativas são não assertivas, concluindo que “Since exclamations are, like interrogatives, non-assertive, exclamatory sentences often resemble interrogative sentences in form” (Sadock e Zwicky, 1985:162). Desta forma, os autores creem que estes dois tipos de construção devem partilhar características formais.

O tipo de estrutura interrogativa que mais se aproxima das exclamativas é a interrogativa Q. O exemplo do Vietnamita, 30a) “O dó có bao nhiêu là ngu' o'i!” daqueles autores e que Michaelis (2001) refere, traduzida como “Há tantas pessoas além!”, com uma “question word” *in situ*, é semelhante à “versão” interrogativa, 30b) “O dó có bao nhiêu ngu'o'i?”, traduzível como “Há quantas pessoas além?”:

Exclamativa:

30a)

O dó có bao nhiêu là ngu' o' i

estar.em além_{INTS} pessoas

Há tantas pessoas além!

Interrogativa:

30b)

O dó có bao nhiêu ngu' o' i?

estar.em além quantas pessoas

Há quantas pessoas além? (Michaelis, 2001:1045).

Não obstante as semelhanças, Michaelis refere que as construções em que se instanciam os dois tipos de frase possuem marcadores formais distintos. Como exemplo, as exclamativas Q não fazem uso da inversão sujeito-auxiliar em Inglês, enquanto as interrogativas a usam (cf. Michaelis, 2001:1045).

O modificador *what* pode preceder um SN indefinido numa construção exclamativa. O mesmo não ocorre numa interrogativa. Existem também diferenças entoacionais e prosódicas evidentes:

31a) What a sad story! (exclamativa)

32b) *What a sad story did you read? (interrogativa) (cf. Michaelis, 2001:1045).

Algumas frases exclamativas poderão contar como exclamações como complemento, como em 33):

33a) I can't believe how few people really care. (Michaelis, 2001:1046).

33b) How few people really care!

A autora defende que a frase exclamativa indireta 33a), na terminologia de Milner, possui a mesma força que o complemento teria, se fosse uma exclamativa matriz (veja-se o exemplo 33b). A razão pela qual afirma que a frase complexa e a frase simples (que corresponde ao complemento do verbo *to believe*) possuem a mesma força relaciona-se com a ideia de que expressam o mesmo ato de fala: “As exclamativas matriz, tal como

as exclamativas de forma interrogativa e as exclamações anafóricas de grau, requerem que a pessoa que as interpreta recupere a atitude afetiva própria do modelo semântico-pragmático que estas construções instanciam: o tipo de frase exclamativa.” (Michaelis, 2001:1046). No entanto, algumas frases podem servir como exclamativas indiretas mas não como exclamativas matriz. Deste modo, exemplificando com o caso do Inglês, vemos que apenas frases Q introduzidas por “How” correspondem a exclamativas matriz bem formadas; já as outras frases Q não poderão ser consideradas como exclamativas matriz (cf. Michaelis, 2001:1046).

34a) I can’t believe where they go!

34b) ?Where they go!

35a) You won’t believe who they hired.

35b) ?Who they hired! (Michaelis, 2001:1046).

Atendendo a que as exclamativas e as perguntas (pedidos de informação) têm estrutura pressuposicional similar, de acordo com a autora, provavelmente esta característica pragmática reflete-se numa sobreposição entre os dois tipos de frase.

Complementos SN

Várias línguas possuem como estratégia comum a tendência de empregar como exclamativas “escondidas” um SN complemento exclamativo (cf. Michaelis, 2001).

Inglês:

36) Everyone’s afraid that the next cutback will involve them. You wouldn’t believe the bickering that goes on!

Todos temem que a próxima redução os atinja. Não irias acreditar na discussão que vai por aí.

Francês:

37) C’est incroyable le bruit qu’ils font.

É incrível o barulho que eles fazem.

Italiano:

38) È pazzesco il rumore che fanno.

É incrível o barulho que eles fazem.

Cada um dos SN dos exemplos, “the bickering that goes on”, “le bruit qu’ils font”, “il rumore che fanno” pode ser revertido para um complemento introduzido pelo sintagma *Q How much*.

O uso de um SN complemento para denotar um grau ou escala relaciona-se com aspetos semânticos e pragmáticos. A proposição pressuposta pela exclamação refere-se a um conteúdo escalar.

SN livres

Como já vimos, a autora considera que as estruturas exclamativas são formas expressivas que não requerem obrigatoriamente que exista expressão da atitude ou comprometimento do falante face ao conteúdo codificado. Assim, existem exclamativas que são constituídas apenas por SN livres.

Francês:

39) Le bruit qu’il font!

O barulho que eles fazem!

No exemplo 39) importa notar que o SN *le bruit* sem ser seguido da relativa *qu’ils font* seria agramatical, pelo que apenas é possível seguido desta forma. O mesmo acontece nos exemplos que se seguem.

Alemão:

40) Der Krach den manche Leute machen!

O ruído que fazem algumas pessoas!

Turco:

41) Gittikleri yerler!

Os sítios a que eles vão!

Michaelis nota que a possibilidade de SNs isolados varia de língua para língua.

Inversão

Quanto à “inversão”, vários autores, como McCawley, Sadock e Zwicky, referidos por Michaelis (2001) notaram a existência de relação entre o uso de inversão em alguns casos de frases exclamativas, como as que se seguem, e o seu uso em estruturas interrogativas:

Inglês:

42) The narrative is pretty jerky, but, man, can this kid direct record unit!

Alemão:

43) Hast du Glück gehabt! (Did you luck out!) (McCawley, 1973 *apud* Michaelis, 2001:1048).

Nestes casos, a inversão sujeito-verbo quer em exclamativas, quer em interrogativas, é motivada pelo facto de ambos os tipos de frase expressarem atos de fala não declarativos. De facto, as perguntas de resposta sim/não distanciam-se do género declarativo porque o seu conteúdo não é uma asserção. Também as exclamativas não asserem o seu conteúdo proposicional, antes o pressupõem.

Em síntese, para Michaelis, na sequência de outros autores, é comum a várias línguas a existência de marcas formais nas estruturas exclamativas, que as distinguem quer das frases declarativas, quer das frases interrogativas.

1.2.2. As frases exclamativas segundo Gutiérrez Rexach (2008)

Gutiérrez-Rexach advoga que existem razões de ordem semântica e pragmática que sustentam a classificação tipológica de frases exclamativas relativamente a outros tipos de frase (2008:117).

Interrogativas e exclamativas possuem aspetos em comum, “[...] exclamatives and interrogatives seem to use similar lexical resources (wh-words) and syntactic strategies (displacement to the left periphery), so at least a partially unified approach looks reasonable” (Gutiérrez-Rexach, 2008:118). Contudo, os atos ilocutórios associados a exclamativas e interrogativas diferem claramente. Assim, as construções exclamativas denotam um objeto semântico diferente do que denotam as frases interrogativas, declarativas ou imperativas. As declarativas denotam valores de verdade, as interrogativas denotam perguntas e as imperativas denotam ordens. O autor defende que interrogativas e exclamativas possuem a mesma denotação, mas associadas a atos de fala diferentes. A força exclamativa viria de um operador EXCL presente na estrutura. (cf. Gutiérrez-Rexach, 2008:119). Voltaremos a esta questão mais adiante.

1.2.3. As frases exclamativas, segundo González Rodríguez (2008)

Para González Rodríguez (2008), as frases exclamativas podem ser diferentemente classificadas, atendendo à categoria do sintagma que contém o quantificador exclamativo. Esta autora apresenta uma classificação similar à apresentada por Brito (1983) para o Português Europeu (cf. Brito, 1983:252-256), que divide as exclamativas como tendo escopo sobre os adjetivos, os SN, os verbos ou os advérbios. Assim, para González Rodríguez, é possível dividir do seguinte modo as estruturas exclamativas:

- i. Exclamativas adjetivais – 44) “¡Que guapo está tu hijo!”

- ii. Exclamativas nominais – 45) “¡Cuántos actores han trabajado en esa película!”
- iii. Exclamativas verbais – 46) “¡Cómo la quiere!”

A autora advoga, por sua vez, a subdivisão destes tipos em exclamativas qualitativas e quantitativas (González Rodríguez, 2008:94):

	Exclamativas quantitativas	Exclamativas qualitativas
Exclamativas adjetivais		¡Qué inteligente es Isabel!
Exclamativas verbais	¡Cuánto han leído esta semana!	¡Cómo la quiere!
Exclamativas nominais	¡Qué de criminales han sido arrestados!	¡Qué criminales han sido arrestados!

(adaptado de González Rodríguez, 2008:84)

Tratando-se de uma classificação muito simples, baseada em dois critérios (categorias, por um lado, e qualidade/quantidade, por outro), González Rodríguez chama a atenção para o que já notara Villalba (2008), referindo que algumas exclamativas nominais permitem negação e outras não, o mesmo se passando com as exclamativas verbais. Eis alguns exemplos da autora, já mencionados:

47) ¡Cuántos actores no han trabajado en esa película!

48) ¡Qué coche no se ha comprado!

49) ¡Cuánto no han leído esta semana!

50) ¡Cómo no la quiere!

Retomando a classificação de outros autores, González Rodríguez refere que nas exclamativas qualitativas, o quantificador atua sobre escalas ou graus e nas quantitativas a medição é relativa à quantidade de indivíduos ou objetos (González Rodríguez,

2008:93), como se a primeira se ocupasse de grandezas contínuas e a segunda, de grandezas discretas. São exemplos:

51) ¡Qué de criminales han sido arrestados! (excl. quantitativas)

52) ¡Cómo la quiere! (excl. qualitativas).

Como vimos nos exemplos anteriores, as exclamativas adjetivais são sempre qualitativas, enquanto as exclamativas nominais e verbais podem ser qualitativas ou quantitativas. Segundo Bosque e Masullo (1998:20), citados por González Rodríguez (2008), nas exclamativas quantitativas “the quantifier does not modify the predicate, it modifies an argument of its lexical structure” (cf. González Rodríguez, 2008:94).

Numa exclamativa qualitativa como no exemplo já apresentado, 46) “¡Cómo la quiere!”, o significado do predicado associa-se a uma escala, o que neste caso corresponde a uma paráfrase como 46a) “He loves her a lot!”, ou 46b) “Como (ele) gosta dela!”. Bosque e Masullo (1998:20 *apud* González Rodríguez, 2008:94) referem que neste tipo de quantificação “the degree modifiers quantify over a component of the sub-lexical structure of the predicate, more specifically, the lowest predicate available in a lexical relational structure”. De acordo com estes autores, a situação é similar com as exclamativas nominais. Em 53) “¡Qué de criminales han sido arrestados!” o quantificador recai sobre a quantidade de criminosos, enquanto na exclamativa nominal qualitativa 54) “¡Qué criminales han sido arrestados!” o quantificador denota que os criminosos capturados têm uma dada propriedade a um determinado grau.

1.2.4. As frases exclamativas, segundo Zanuttini e Portner (2003)

Para os autores, os critérios que estão presentes nas frases exclamativas são:

- i. a factividade: a exclamativa surge quase sempre associada a predicados factivos; quando surge com verbos factivos como *know* ou *realize* conjugados na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo não admitem negação, pois isso colide com a factividade (cf. Zanuttini 2003:9).

- ii. Implicatura escalar: como mencionam, 55) "How very cute he is! indicates that his degree of cuteness is greater than the alternatives under consideration, and this aspect of its meaning can be labelled an implicature because it goes beyond the sentence's truth-conditional meaning" (2003:9). Defendem que, provavelmente, se trata de uma implicatura convencional porque não é anulável (cf. o exemplo dado: 56) "??How very cute he is!" – though he's not extremely cute) e é destacável (cf. o exemplo dado: 57) "He's quite cute! – though not extremely cute"). Creem que assim se prova que a implicatura está ligada à forma da frase e não ao conteúdo semântico. A implicatura escalar explica que exclamativas com "*is that*" não possam surgir na negativa (Isn't it ADJ), embora surjam numa versão positiva. (exemplos: 58) "*It isn't amazing how very cute he is!" vs 59) "It is amazing how very cute he is!"). Salientam também que a frase 60) "*It isn't amazing how very cute he is!" se torna aceitável se for na forma interrogativa, enquanto 61) "It is amazing how very cute he is!" se torna agramatical quando na forma interrogativa: 62) "*Is it amazing how very cute he is?".

- iii. As exclamativas não podem aparecer em pares de pergunta / resposta. Espera-se uma resposta quando se interroga, já que as "interrogativas servem caracteristicamente para perguntar. As exclamativas podem não o fazer" (2003:10). Uma resposta a uma interrogativa fornece a informação solicitada. Quando essa resposta surge na sequência de uma exclamativa, não é aceitável. Como salientam Zanuttini e Portner, também comprova esta afirmação o facto de podermos aceitar 63) "How tall is he? Seven feet or eight feet?" mas não 64) "How very tall he is! *Seven feet or eight feet?". Refira-se também que as exclamativas não servem como resposta: 65a) "How tall is Tony's child?" 65b) "*How very tall he is!".

1.2.5. As frases exclamativas, segundo Marandin (2008)

Marandin lista uma série de critérios que as exclamativas devem ter e que estarão diretamente envolvidos na classificação do tipo de frase (2008:5). As frases que

cumprem os requisitos mencionados atuam de forma diferente das declarativas e das interrogativas, relacionando o seu conteúdo com o enunciador, ou, por vezes, com o falante referido pelo enunciador. Aquele que enuncia a frase é, diz o autor, a fonte do conteúdo e está comprometido com a sua veracidade.

- i. A seleção do complemento. O autor nota que em francês a seleção de frases com palavras exclamativas é distinta da das frases declarativas e interrogativas. O verbo *admettre* é factivo no par 66); 66b) é agramatical, mesmo sendo a factividade considerada o fator mais importante para a seleção exclamativa (cf. Marandin, 2008:4):

66) Paul a admis que Sue travaille beaucoup.

Paul admitiu que a Sue trabalha muito.

66b) * Paul a admis {comme | ce que} Sue travaille

*Paul admitiu o quanto Sue trabalha.

- ii. O potencial ilocutório. O autor refere que as frases raiz com palavras exclamativas não podem surgir como respostas ou réplicas a interrogativas (cf. 2008:4): 67) “Comment est-elle venue? En train?” e 68) # “Comme elle est grande! Deux mètres quarante!”) nem podem ter uma função semelhante à das interrogativas ou declarativas (cf. 2008:4) {69) “Comment va Paul? / Paul est-il beau?”} e “#70) Comme il est beau! / Il est tellement beau!”).

O conteúdo do complemento de uma frase com uma palavra exclamativa mantém-se sob negação do verbo encaixado. Exprime-se a mesma implicação dizendo 71) “Paul m’a écrit {combien | comme | ce qu} il avait souffert hier” / “O Paul escreveu-me o quanto / como / o que ele sofreu ontem” e 72) “Paul ne m’a pas écrit {combien | comme | ce qu} il avait souffert hier” / “O Paul não me escreveu o quanto / como / o que ele sofreu ontem”. Ambas implicam que “Paul sofreu muito ontem” (2008:4). Assim, as exclamativas estão marcadas pela factividade; contudo, o autor mostra que embora esta seja considerada

fundamental no que toca à seleção da exclamativa, não é suficiente para assegurar a gramaticalidade de uma frase:

66) Paul a admit que Sue travaille beaucoup.

O Paul admitiu que a Sue trabalha muito.

66b) * Paul a admit {comme | ce que} Sue travaille.

O Paul admitiu o quanto a Sue trabalha.

- iii. As frases com palavras exclamativas são incompatíveis com marcadores de perspectiva de evidencialidade: 73) “*{Selon moi | d’après Marie}, qu’il est beau !” (2008:4) / “*Segundo a minha opinião / *De acordo com a Maria, que bonito que ele é!”
- iv. Para o autor, o conteúdo de uma frase exclamativa deve ser parte de uma escala ou gradação de quantidade ou intensidade, o que pode ocorrer através de uma expressão graduável. O exemplo 74), “Comme | qu’est-ce qu’ on meurt dans cette ville!” (74b “Como se morre nesta cidade!”) é passível de interpretação como “a quantidade de pessoas que estão a morrer nesta cidade”. Conforme refere Marandin, podemos perceber diferenças entre a frase 75) “*Comme ce produit est périmé!” (Como este produto está estragado (fora do prazo de validade)!) e 76) “Comme ce produit est vieux!” (Como este produto está velho!).

Em síntese, para Marandin:

Cr�terio	Exemplo
1) A seleção das palavras exclamativas é diferente da seleção das declarativas e interrogativas.	Paul a admis qu'elle avait été d'un calme pendant l'interview!
2) As frases raiz com palavras exclamativas n�o podem desempenhar o mesmo papel que as declarativas ou interrogativas.	Comment allait Paul ? Il avait une de ces forme ce matin!
3) O comportamento do complemento da frase sob nega��o � preservado.	*Paul ne m'a pas dit que Marie était d'un déprimé depuis quelques jours
4) Possibilidade de a exclamativa ser compatível com marcadores de perspetiva.	Selon Paul, il avait une de ces forme ce matin !
5) Pressuposi��o de que o conte�do da frase contribui para uma escala ou grau de quantidade ou intensidade:	Il a un de ces chapeau!; C'est d'un périmé, ton truc!

Para Marandin, estas s o as propriedades consideradas essenciais numa frase de tipo exclamativo:

- v. veracidade (diferente da "factividade" postulada por Zanuttini e Portner, 2003);
- vi. ego-evidencialidade;
- vii. dupla "vida ilocutória";
- viii. escalaridade

Veracidade

O conteúdo do complemento da exclamativa mant m-se independentemente do facto de a frase estar sob negação ou não, tratando-se de uma frase complexa contendo uma oração completiva. Efetivamente, todos os exemplos do autor pressup em que "o Paul

era muito infeliz na escola": 77) Il est possible que Paul dise {comme il a été malheureux | ce qu'il a pu être malheureux} à l'école. / 78) Si Paul te dit {comme il a été malheureux | ce qu'il a pu être malheureux} à l'école, alors tout ira bien. / 79) A-t-il dit {comme | combien | ce qu} il avait été malheureux à l'école?

Ego-evidencialidade

A fonte do conteúdo é o conhecimento imediato do falante. Nas frases exclamativas, a fonte é o ego (2008:9). Para Marandin, a incompatibilidade com marcadores de perspectiva provém de um possível conflito ou redundância a marcar a fonte da evidência. A ideia em volta da Ego-evidencialidade dá importância à propriedade de seleção das exclamativas. "[...] remember that it cuts across the factive / nonfactive divide" (Marandin, 2008:9). Verbos que exprimem inferências, boatos, ou uma atitude mental perante algo (que não seja intuição), entre outros, não são seletores apropriados para exclamativas (2008:9):

80) “* Il a convaincu Paul comme elle chantait bien”

(Ele convenceu o Paulo de como ela cantava bem).

Dupla vida ilocutória

As exclamativas resistem à refutação do interlocutor e não propiciam o diálogo do mesmo modo que a declarativa ou a interrogativa (cf. 2008:11). A exclamativa não é anulada pela reação do interlocutor. Mesmo este tendo a possibilidade de contrariar o conteúdo da exclamativa, esta mantém-se, pois não precisa de ser aceite pelo interlocutor. Como salienta o autor, a exclamativa não procura no interlocutor o conhecimento partilhado. (cf. Marandin, 2008:11). No que concerne às exclamativas complementares (que não as exclamativas raiz), aquelas fornecem conteúdo ao que é dito.

Escalaridade

As exclamativas comportam-se como palavras de grau. O autor restringe-se às gradações com adjetivos: adjetivos de escala aberta serão apropriados para exclamativas e adjetivos de escala fechada não. Por outro lado, os adjetivos de escala baixa propiciam exclamativas bem formadas: 81) “Comme ta demande est injustifié!” O mesmo não ocorre com adjetivos de escala elevada 82) “?? Comme ta demande est justifié!” (cf. Marandin, 2008:12).

Resumindo, Marandin advoga que existem critérios específicos para definir as frases exclamativas que estas devem cumprir. As frases consideradas exclamativas que não apresentam estas características são consideradas pelo autor como não sendo exclamativas, embora possam representar exclamação. Os critérios apontados são relativos à seleção do complemento, à relação entre o enunciador ou aquele que o enunciador refere e a própria frase, o potencial ilocutório, a factividade e a incompatibilidade com marcadores de perspectiva, isto é, com a opinião de outro que não o falante. O conteúdo da frase exclamativa deverá ainda integrar uma graduação de intensidade, qualidade ou quantidade. As palavras exclamativas, por seu turno, têm um significado inerente, segundo o autor, que defende que não é apenas por se inserirem em frases exclamativas que estas palavras possuem essa classificação. Por isso, Marandin defende que a “ego-evidencialidade” é a componente mais forte das exclamativas e é diferente da factividade defendida por outros autores.

1.3. Propriedades que afastam e aproximam diversas estruturas sintáticas das frases exclamativas

1.3.1. Exclamativas Q e interrogativas Q

Vimos anteriormente que as exclamativas têm paralelos e distinções face às estruturas interrogativas. Um dos pontos em comum que ambos os tipos de construção apresentam, em Português, é a utilização de “palavras Q”, de que são exemplo *quem*, *como*, *quanto*, *que*, *quão*.

Um sintagma-Q é um "termo que designa um tipo de sintagma interrogativo, relativo ou exclamativo que, normalmente, introduz a oração e funciona como um operador associado à variável que é o seu vestígio numa posição-A. Exemplo: "que filme i foste ver [] i ?". (Chomsky, 1981). O termo "palavra Q" ou "sintagma Q" deriva do facto de a maior parte das palavras que possuem a propriedade de serem atraídas para a posição de início das frases se iniciarem com o som [k] (a letra Q) em Português (cf. Duarte, 2000:151).

Como notam vários autores, como Villalba (2008), a palavra Q não é inerentemente exclamativa. Aquele autor refere que, de facto, muitas exclamativas munem-se de palavras Q que podem figurar em outras estruturas, como relativas ou interrogativas. A este respeito, seria importante analisar os vários morfemas Q em PE para termos uma ideia sólida de que palavras podem figurar em cada tipo de frase, tarefa que não poderemos levar a cabo aqui.

Para Castroviejo (2004), as palavras Q exclamativas possuem duas características especiais: o traço [wh] codifica a sua natureza Q, que partilham com as interrogativas, e o traço [excl] serve como codificador do seu conteúdo exclamativo. Como diz, "each feature is checked in a different position. First, the exclamative wh word moves to Spec, TP to check the [wh], which blocks subject raising, and forces subject inversion. Then, the wh word moves higher to Spec, CP to have [excl] checked, ending in a position adjacent to the complementizer *que*" (Castroviejo, 2004 *apud* Villalba, 2008:35).

Tipo de palavra	Exemplos
Ambivalente	Who/what/which/where/when/how
Exclamativa	What a
Interrogativa	Why

Na perspetiva de Villalba (2008), o que dá a condição de sintagma ou "palavra Q exclamativa" é principalmente a posição (posição inicial da frase), junta ao especificador de um determinante com o traço [+ excl] que serve de marcador de força ilocutória à estrutura em que o SD (sintagma determinante) se integra. Para este autor

(2008:26-27), o movimento dos verbos nas exclamativas, bem como o movimento do sintagma Q, são propriedades formalizadas por dois mecanismos básicos: concordância entre Spec e núcleo e a verificação de traços. Para o autor, é possível que seja a verificação de traços a motivar o movimento dos constituintes para a periferia esquerda, muito frequente nas exclamativas.

Para o Inglês, Zanuttini e Portner (2003) advogam que, pese embora a utilização de palavras Q ocorra quer em exclamativas quer em interrogativas, esta não acontece de forma exatamente igual, sendo a distribuição dos morfemas distinta em cada tipo de estrutura. Deste modo, dizem que nem todos os sintagmas Q que aparecem em interrogativas podem aparecer em exclamativas.

Assim, defendem que o que distingue uma exclamativa de uma interrogativa é a presença de um operador factivo nas exclamativas, o que, consequentemente, faz com que os sintagmas Q que só aparecem em exclamativas requeiram operadores de factividade. Sugerem que *tanto* e *very* têm o papel semântico de marcar "widening", termo dos autores, que traduziremos como "alargamento", não esquecendo o papel sintático que naturalmente possuem. O "alargamento" é um conceito que se baseia na ideia de que "as exclamativas alargam o domínio da quantificação para o operador Q, o que dá lugar a uma série de proposições alternativas denotadas pela frase" (cf. Zanuttini e Portner, 2003:02, tradução minha). Relativamente a *a* (em *how very* + ADJ/ADV) e *what a* + N, os autores não fazem ligação entre este e o "alargamento". Consideram, porém que *tanto*, *very* e *a* marcam o sintagma Q como exclamativo. Os autores designam um sintagma Q que apenas figura em frases exclamativas como "E-only"(cf. 2003:42):

"While we have identified certain material, in particular *tanto*, *very*, and *a* (in *how very*+ADJ/ADV and *what a*+N), as marking a phrase as E-only, we have not considered why these elements in particular are used. Are they arbitrary choices? The interpretations of *tanto* and *very* have a clear similarity to one component of the meaning of exclamatives, namely widening. It therefore might be suggested that they have the semantic role of marking widening, in addition to

whatever syntactic role they might have. It is more difficult to connect *a* to widening, though” (Zanuttini e Portner, 2003:42).

Zanuttini e Portner (2003) consideram que as exclamativas requerem uma análise semântica e sintática, já que as características distintivas destas frases baseiam-se em fatores relativos às duas áreas. A representação sintática de uma exclamativa realiza as suas duas principais propriedades semânticas: são factivas e denotam um conjunto de proposições alternativas. Para os autores, qualquer frase que tenha estas duas características associa-se à força frásica de "alargamento". A factividade é codificada através de um operador factivo e o conjunto de proposições alternativas depende da presença do operador Q. Sendo as exclamativas muito similares às interrogativas, quer sintática quer funcionalmente, é fundamental ter presente o que as distingue. Zanuttini e Portner referem que ambas partilham a necessidade de ter presente um operador Q, o que mostra que ambas denotam um conjunto de proposições alternativas, mas diferem na apresentação de factividade. A factividade, segundo os autores, é a justificação para que a exclamativa possua na sua estrutura sintática mais uma posição CP, pois creem que a estrutura extra das exclamativas é essencial para realizar o operador factivo (cf. 2003:43). Voltaremos a esta questão no Capítulo III.

Como refere Castroviejo Miró (2008), as interrogativas Q podem ter outros propósitos para além da convencional pergunta, e desta forma, podem aproximar-se das exclamativas. O conjunto de finalidades que aquelas construções podem ter relaciona-se com o conhecimento do falante e com a intenção patente na declaração (cf. Castroviejo Miró, 2008:80).

De acordo com a autora, nas interrogativas Q, “what the speaker commits to the addressee is the value of the wh-variable” (2008:80). Assim, em 83) “How tall is Pau?” “the speaker commits the addressee to the value of *how*, that is, the (maximal) degree to which Pau is tall” (2008:80). Contudo, o conhecimento intuitivo do falante também é importante e existem casos em que, inclusivamente, este conhece esse valor e apenas pretende manifestar a sua atitude para com ele, como em 84) “What kind of lawyer are you?”. Como nota a autora, se não usarmos o sinal gráfico ! (além de utilizarmos a prosódia adequada), a frase poderia parecer uma pergunta comum, como que a

questionar que género de advogado é o interlocutor, com que tipo de processos trabalha habitualmente. Contudo, o sinal ! denota a atitude ou sentimento do falante face ao referente da pergunta. E a entoação é “an additional ingredient that makes a contribution to discourse” (2008:81).

Outros exemplos em que o sinal exclamativo faz a diferença entre uma pergunta e a expressão de uma atitude face a algo são:

- 85) Como é que conseguiste entrar no sótão?!
- 86) Como foste dizer tal coisa no casamento do teu irmão?!

Os exemplos que se seguem, embora pressuponham algum conhecimento do falante e expressem sobretudo uma atitude, além de um pedido de informação, são, sintaticamente, interrogativas Q, sendo por isso passíveis de resposta:

- 87) A: Quina classe d’advocat ets?!
Que tipo de advogado é o senhor?!
- 88) B: Doncs sóc ladvocat que et traurà d’aquest mullader!
Sou o advogado que vai resolver as suas confusões! (Castroviejo Miró, 2008:81, tradução minha).

1.3.2. Exclamativas totais e interrogativas retóricas

As exclamativas totais possuem algumas características que as aparentam com as interrogativas retóricas. Uma interrogativa deste género constitui uma pergunta que se lança sem se esperar obter qualquer tipo de resposta. Como refere Schmidt-Radefeldt, citado por Ramos (1996) “rhetorical questions do not have an answer (because they are not questions)” (Schmidt-Radefeldt, 1977:377 *apud* Ramos, 1996:2). Para este autor, trata-se sobretudo de uma estratégia para fornecer informação, e não para solicitá-la como ocorre nas interrogativas habituais:

“there is a general agreement about the fact that questions are to be considered as requests for information, whereas rhetorical questions are intended to provide information. (...) Moreover it has been stressed that the speaker does not expect an answer from the other dialogue partner”(Schmidt-Radefeldt, 377-378 *apud* Ramos, 1996:3).

Também Cunha e Cintra (1984) aproximam exclamativas e perguntas retóricas. Quando referem o uso dos pronomes como *que*, referem:

“estes pronomes são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração, conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos” Cunha e Cintra (1984).

Os autores exemplificam com:

89) “Coitada!... quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?”
(exemplos de António de Assis Júnior, SM, 52, *apud* Cunha e Cintra, 1984:355-356).

Trata-se de uma interrogativa retórica com recurso à prosódia exclamativa como forma de salientar a expressividade da situação a que se refere.

Igualmente, Duarte (2003) nota que há similaridades entre os dois tipos de frase. Os exemplos que a autora dá, que de seguida transcrevemos, são frases que parecem colocar uma questão, sendo interpretadas, todavia, como “a realização de atos ilocutórios expressivos”, o que acontece porque estão inseridas num contexto que conduz a essa interpretação.

90) Eles também faltaram à reunião?!

91) Mas quem te disse que podias mexer nos meus livros?!

Existem também casos em que a pergunta não visa um pedido de informação, como é usual, continuando, à semelhança dos exemplos anteriores, a não ser expectável que exista resposta, como refere Duarte (cf. 2003:482). De facto, como avança a autora, trata-se de utilizar a prosódia e alguns elementos lexicais (como conetores) para transformar a frase numa construção passível de interpretar como pergunta retórica. É o que acontece no exemplo:

92) (Que) eu seja ceguinho *se* ela *não* é a mulher mais gorda que eu já vi!”

Esta frase não deve ser interpretada literalmente, como reforça a estudiosa, uma vez que tanto a construção condicional como o emprego do “não” visam apenas dar maior expressividade à frase, através da força ilocutória a elas inerente, já que pretendem transmitir a ideia de 92b) “Ela é a mulher mais gorda que eu já vi”.

1.3.3. Frases exclamativas e frases optativas

As frases exclamativas têm um papel especial na expressão do estado em que o falante se encontra, sendo utilizadas para diversos fins (cumprimentar, repreender, etc.) e também para traduzir emoções e sentimentos. Assim, faremos agora uma pequena menção às frases optativas por também elas partilharem com as exclamativas a expressão do estado do falante, mais precisamente a expressão de um desejo do falante.

Com efeito, Alonso-Cortès (1999) considera que frases iniciadas com “*quem*” / “*quién*” como 93) “*Quién supiera escribir!*” (1999:3998) não são exclamativas, mas exprimem exclamação:

“la forma *quién*, aun formando parte del paradigma de las palabras-cu, no efectúa ponderación sobre ninguna otra clase de palabras, por lo que puede quedar excluida del paradigma de las palabras exclamativas. Puede, sin embargo, constituir una exclamación cuando es expresión de un estado mental de deseo, como “*¡quién supiera escribir!*” o de reproche, como en “*¡Mira quién habla!*”. Todas estas oraciones indican la fuerza exclamatoria

por medio de la entonación; pero no son exclamativas” (Alonso-Cortés, 1999:3998).

As frases optativas, conforme nos diz Duarte, “realizam atos ilocutórios expressivos de um tipo particular: exprimem desejos do locutor” (2003:487). Estas construções recebem esta designação por serem parafraseáveis por frases complexas em que existe um verbo optativo (cf. Duarte, 2003:487).

94) Que ele seja feliz! —————> Desejo que ele seja feliz. (2003:487).

À semelhança das frases exclamativas anteriormente referidas, também as optativas possuem variantes elípticas e não elípticas. As não elípticas contêm um verbo no tempo conjuntivo, geralmente. A presença dos complementadores *que* e *se* propiciam que a estrutura siga a ordem canónica dos constituintes, como nota a autora: 95) “Que ele seja feliz” / “Se ele fosse feliz!”, 2003:487). Há casos, neste tipo de estruturas, em que o sujeito é usualmente um pronome na terceira pessoa do plural ou singular e que surge à esquerda do complementador *que*. Neste caso, a ordem canónica já não é a mais habitual, embora seja aceitável. Os exemplos dados por Duarte mostram-no:

95) Eles que se atrevam!

96) Que eles se atrevam! (cf. 2003:488).

É frequente vermos frases optativas iniciadas por “fórmulas operativas específicas”. Normalmente, apelam a uma “entidade superior” que reforça a potencialidade de realização do desejo expresso pelo falante e seguem a ordem canónica dos constituintes: 98) “Deus queira que ela seja feliz!”, 99) “Oxalá ele seja feliz!” (cf. Duarte, 2003:488).

Como nota a autora, em estruturas em que não surge complementador ou fórmula operativa, as optativas não elípticas apresentam a ordem Verbo – Sujeito (VS) (cf. 2003:488). Por exemplo:

100) Termine-se de uma vez este sofrimento!

100a) *Este sofrimento termine-se de uma vez!

101) Chegue o mês de dezembro para voltarmos à terra!

101a) *O mês de dezembro chegue para voltarmos à terra!

A este respeito, a autora defende que “a correlação entre presença vs ausência de complementador ou fórmula operativa e ordem canónica vs ordem VS sugere que, neste tipo de frases, alguma posição do sistema C tem de estar lexicalizada [...]” (2003:488), o que seria explicação para o facto de em algumas destas frases a forma verbal surgir no início da estrutura, como forma de lexicalizar o núcleo C. As optativas não elípticas com verbos copulativos obrigam à inversão da ordem canónica, o que não acontece quando a frase é iniciada pelo complementador *que*. Duarte exemplifica com: 102) “Abençoados sejam os simples!”, 102a) “*Sejam abençoados os simples!” e 102b) “Que os simples sejam abençoados!” (2003:488-489).

As optativas elípticas são frases em que, ou existem formas participiais seguidas de expressões nominais e, segundo a autora, constituem casos de elipse do verbo copulativo, podendo ser parafraseadas por optativas não elípticas: 103) “Malditas segundas-feiras!” vs 103a) “Malditas sejam as segundas-feiras!” (2003:489); ou são iniciadas por nomes simples abstratos e podem ser parafraseadas por optativas não elípticas desde que iniciadas pelo complementador *que*.

104) Justiça para todos! / Que haja justiça para todos! (2003:489).

Em síntese, embora com alguns paralelos, as frases exclamativas e as frases optativas distinguem-se por várias propriedades formais.

1.3.4. Exclamações, interjeições e frases declarativas

Recuperando as ideias de Michaelis (2001), referiremos agora os critérios semânticos e pragmáticos que, na perspetiva da autora, afastam exclamações de interjeições e declarativas (cf. 2001:1039).

- i. Surpresa (avaliada como positiva ou negativa, isto é, envolvendo uma situação considerada não canónica pelo falante: 105) “The nerve of some people!” (“A

coragem de algumas pessoas!”) ou 106) “Comme il fait beau!” (“Como é belo!”) são exemplos da autora, para ilustrar esta ideia. No que concerne à expressão de surpresa, exclamações e interjeições acabam por ter alguns pontos de contacto. Michaelis refere que:

“In conveying surprise, exclamations resemble a subset of interjections [...]. Interjections resemble exclamations in that they express the speaker’s appraisal of a situation. While some interjections (like *Yay!* or *Damn!*) express the speaker’s evaluation (positive or negative) of the situation, some, like *Hey!* or *Oh my God!*, have a function like that of exclamatives - expressing what Fillmore & Kay & O’Connor (1988) call a noncanonicity judgement” (Michaelis, 2001:1039).

- ii. A expressão de um ponto de vista do falante: embora atribuamos, normalmente, a uma expressão exclamativa o papel de exprimir o sentimento ou atitude do falante, Michaelis observa que também pode ocorrer que a frase proferida expresse a atitude ou sentimento de uma outra pessoa. São exemplos:

107) “She couldn’t believe how few people came to help her”

Ela não podia crer que tão poucas pessoas vieram ajudá-la!

108) “He’s like, ‘Hey! You’re not supposed to be here!’

E ele ficou assim, ‘Hey, não é suposto estares aqui!’ (2001:1039).

A frase 109) “You won’t believe who spoke up” (“Não vais acreditar em quem falou!”) é exemplo de um “estatuto marcado”, como diz a autora. Normalmente, estruturas como esta requerem verbos no modo conjuntivo ou tempo futuro. Para Michaelis, a questão da marca modal é fundamental. Frases como 110) “??You don’t believe who spoke up” (“Tu não acreditas em quem falou”), diz, “are anomalous, whether or not they are construed as exclamations” (2001:1039).

De acordo com Michaelis, a expressão do ponto de vista do falante parece ser intrínseca ao ato de fala exclamativo. Desta forma, uma asserção como 107) “She couldn’t believe how few people came to help her” (“Ela não podia crer que tão poucas pessoas vieram ajudá-la!”) não é exemplo evidente de exclamação, ainda que formalmente dotada de um complemento *wh* após um predicador epistémico, uma característica das construções exclamativas, como é o caso de 108) “He’s like, ‘Hey! You’re not supposed to be here!’”, que, conforme refere, não obstante possuir uma forma identificável como interjeição, “is not a prototypical example of an interjection” (Michaelis, 2001:1039).

Deste modo, a autora prefere considerar que estes exemplos envolvem uma mudança de perspectiva. Como menciona, exemplificando o caso do demonstrativo *this*, que considera não ser próximo quando “the viewpoint of someone other than the speaker is invoked (as in, say, a narrative)”, também uma forma exclamativa como 107) “She couldn’t believe how few people came to help her” não representa indubitavelmente uma função exclamativa, se o ponto de vista em análise não é o do próprio falante (cf. Michaelis, 2001:1039).

- iii. Conteúdo proposicional - A característica semântica mais significativa que afasta exclamações de interjeições é a mesma propriedade que as exclamações partilham com as declarativas, advoga Michaelis. Trata-se de conteúdo proposicional recuperável: “Both exclamations and declaratives linguistically encode a proposition which the speaker assumes to be true” (2001:1040). Michaelis defende que a perspectiva de que as exclamações possuem uma proposição codificada lexicalmente necessita de justificação, à luz do exemplo que se segue:

111) In *The Mask*, Carrey plays Stanley Ipkiss, a bank clerk whose timidity is quickly demonstrated in a series of opening sketches. Poor Ipkiss! The indignities that the world heaps on him! (Covino, 1994 *apud* Michaelis, 2001)

Em 111), estamos na presença de uma “exclamativa escondida” (terminologia de Grimshaw, 1979). Embora a exclamação presente no exemplo seja um SN isolado, a interpretação do mesmo equivale a 112) “The world heaps so many indignities on him”.

1.3.5. Frases exclamativas e frases declarativas

Michaelis (2001) concorda com a perspectiva de Sadock & Zwicky (1985:162), para quem as principais diferenças entre exclamativas e declarativas se relacionam com a diferente expressão de conteúdo por parte do falante.

- i. As exclamações destinam-se a ser expressivas, enquanto as declarativas visam informar. Em comum, ambas representam uma proposição como sendo verdadeira. No entanto, uma exclamação transmite a reação emocional do falante face ao que ele crê ser verdadeiro; já a declarativa enfatiza a avaliação intelectual do enunciador de que a proposição é verdadeira. (Sadock & Zwicky, 1985:162).

Estes autores salientam que enquanto numa construção declarativa sobressai a verdade da proposição expressa, na exclamação o enfoque recai na atitude do falante face à proposição expressa. As exclamações, diferentemente do que ocorre com as declarativas, pressupõem que a proposição é mutuamente conhecida por todos os intervenientes do diálogo.

- ii. Como nota Zwicky (1995), referido por Michaelis (2001), a frase “It’s *very* hot!” possui um advérbio de grau, mas este difere de outros, como o advérbio anafórico *so*. Zwicky nota que o comportamento sintático dos advérbios da classe *very* é “sistematicamente diferente” do dos advérbios da classe *so*, uma vez que estes têm referência catafórica, enquanto os primeiros não. Vejamos exemplos:

113) I almost fainted, the sun was so hot.

Quase desmaiei, o sol estava tão quente.

113b) *I almost fainted, the sun was very hot. (Zwicky *apud* Michaelis, 2001:1041).

Quase desmaiei, o sol estava muito quente.

No que concerne às exclamações, o advérbio de grau *very* não surge, de forma apropriada, com interjeições e predicadores matriz (exemplos: *God!* e *I can't believe!*, que expressam a posição do falante). As exclamações formadas desse modo, recorrendo ao advérbio *very*, são anómalas, contrastando com uma versão alternativa contendo *so*:

114) ??God, it's very hot!
Deus, está muito quente!

115) God, it's so hot!
Deus, está tão quente!

116) ??I can't believe it's very hot!
??Não posso acreditar que está muito quente!

117) I can't believe it's so hot! (Zwicky *apud* Michaelis, 2001:1041).
Não posso acreditar que está tão quente!

Para o autor, é possível encontrar o mesmo padrão em Italiano, língua na qual o advérbio anafórico *così* pode figurar em contexto exclamativo, enquanto o advérbio não anafórico *molto* não é apropriado nestas situações. O mesmo parece ser aplicável ao Português (ver as traduções dos exemplos 118) e 119)):

118) Non ci posso credere che sia così imbecille.
Não posso acreditar que ele seja tão imbecil.

119) *Non ci posso credere che sia molto imbecille.
*Não posso crer que seja muito imbecil!

Michaelis (2001) diz que a utilização dos advérbios de grau anafóricos é coerente com a ideia de que a proposição escalar que a exclamação expressa é pressuposta. O advérbio anafórico relaciona-se com a recuperação de dados por parte do interlocutor.

Castroviejo Miró (2008) estudou também a distinção entre estruturas exclamativas e declarativas, propondo alguns testes para demonstrar as diferenças entre os dois tipos de frase.

- iii. Uma frase de tipo exclamativo não visa descrever, mas sim comunicar ou emitir conteúdo com nova informação ao interlocutor. Um dos testes que a autora propõe atesta esta ideia, ao mostrar que na versão declarativa o falante dá informação, não se passando o mesmo quando a frase é exclamativa (cf. o exemplo 120)):

120) Tenho novidades / vais adorar isto / ouve lá: O Paul é muito alto.

121) Tenho novidades / vais adorar isto / ouve lá: #O Paul é muito alto!
(Castroviejo Miró, 2008:51, tradução minha).

- iv. Um outro teste através do qual podemos distinguir estruturas exclamativas de asserções baseia-se no facto de as exclamativas não poderem aparecer naturalmente numa descrição, enquanto declarativas no papel de asserções podem fazê-lo (cf 122)):

122) Olhei para o teto e vi um rapaz extremamente alto.

123) # Olhei para o teto e que rapaz tão alto eu vi! (Castroviejo Miró, 2008:52, tradução minha).

- v. Castroviejo Miró (2008), diz ainda que existe outro teste para determinar as situações em que as frases exclamativas não são apropriadas: verificar se estas são utilizadas para defender a perspectiva do falante ou não, como nos exemplos que se seguem:

124)

A - Não gostas de sopa de tomate.

B - Gosto, sim! Adoro sopa de tomate. É maravilhosa.

B - # Gosto, sim! Como é maravilhosa a sopa de tomate! (Castroviejo Miró, 2008:52, tradução minha).

As respostas contêm informação similar, mas a apresentação dessa informação é diferente. O conteúdo expressivo de uma exclamativa não é passível de ser negado, na medida em que é orientado para o falante (cf. Castroviejo Miró, 2008:53). Assim, é sempre subjetivo. O significado descritivo é percecionado e interpretado pelo falante como sendo a causa do conteúdo descritivo, não sendo dependente do julgamento do interlocutor. É tratado como “informação não controversa” (cf. Castroviejo Miró, 2008:52-53).

As exclamativas são inapropriadas em situações em que são exigidas afirmações. Como vimos, as exclamativas não servem para colmatar a necessidade de informação do interlocutor ou para defender o ponto de vista do falante.

Castroviejo Miró (2008) diz que existem duas situações em que as exclamativas podem surgir como resposta:

Cenário 1 - Quando o interlocutor é considerado em posição igualmente qualificada para comentar um facto, as exclamativas são apropriadas. Este cenário torna compatíveis as exclamativas e as declarativas que não funcionem como asserções.

Cenário 2 - Inclui qualquer situação na qual o falante não necessita de ter em conta as expectativas do interlocutor e pode responder a um estímulo.

Em síntese, as exclamativas e as declarativas pressupõem comprometimento do falante e denotam parcialidade e, nesse sentido, aproximam-se. As exclamativas podem envolver quer conteúdo descritivo quer conteúdo expressivo. As exclamativas Q são especiais, pois contêm uma palavra de grau, tal como uma construção de grau normal, mas não atualizam o *common ground* tal como uma declarativa. As exclamativas Q incluem conteúdo descritivo que o falante interpreta como factual e um conteúdo implícito descrito como uma atitude emotiva graduável.

1.4. Conclusões do Capítulo I

Neste capítulo, tentámos distinguir em primeiro lugar, exclamações e exclamativas. Propusemo-nos igualmente distinguir a frase exclamativa de outros tipos de frases com os quais aquelas mantêm alguns paralelos: interrogativas e exclamativas; exclamativas e declarativas; exclamativas e perguntas retóricas e exclamações e interjeições.

A exclamativa é um tipo de frase, determinada pela sintaxe e pela forma, a exclamação corresponde a um conjunto de propriedades de teor essencialmente pragmático, que poderá figurar em diferentes tipos de frase, sejam exclamativas ou de outra tipologia. Deste modo, a frase exclamativa possui uma determinada forma e estrutura; já a exclamação é um recurso de expressividade patente no discurso, podendo coexistir com a estrutura exclamativa ou não ter, sequer, estrutura sintática de exclamativa.

As ideias predominantes, comuns às várias análises que vimos, são as de que a exclamativa não informa, no sentido lato do termo, isto é, não é seu propósito dar conta ao interlocutor de dados novos, mas antes, exprimir uma consideração íntima e pessoal perante algo. É consensual, também, a ideia de que a exclamativa é uma estrutura de medida, ainda que nem sempre expresse essa medida de forma escalar (a escalaridade é típica das exclamativas Q, mas outras exclamativas existem em que tal não ocorre); mede reações, mede o modo como uma situação afeta o falante, é um recurso altamente expressivo, e não puramente informativo. Vimos ainda que a frase exclamativa é dotada de uma importante característica, a factividade, segundo a qual se pressupõe que o conteúdo da frase é verdadeiro. Alguns autores defendem mesmo a presença de marcadores sintáticos da factividade, como Zanuttini e Portner (2003). A ego-evidencialidade, trazida por Marandin (2008) para o estudo das exclamativas, sugere que o conhecimento imediato do enunciador é a fonte do conteúdo da frase exclamativa, corroborando a ideia de que o falante pretende dar a conhecer a sua atitude ou sentimento perante um estado de coisas.

Os estudos que referimos aqui notam que a distinção entre as variadas construções que servem as línguas não se fica por aspetos gráficos e estruturais. Embora existam pontos de contacto entre diferentes tipos de frase, alguns autores opinam que a frase

exclamativa merece uma classificação à parte, pelas suas especificidades, entre as quais se encontra o seu potencial ilocutório.

Na frase exclamativa, em especial, forma e função não devem ser separadas e nenhum dos dois elementos desta relação forma / função basta por si só para classificar uma frase como pertencente a um determinado tipo.

Ainda assim, a diferenciação entre tipos de frase alimenta-se também do contexto em que as frases estão inseridas. No contacto quotidiano com a língua, vemos que existem frases estruturalmente similares que podem expressar conteúdos muito diferentes ou mesmo opostos. Assim, a linha delineadora do tipo de frase pode ser traçada de modo mais ou menos flexível e dentro de um determinado tipo podem caber, por vezes, frases que classificaríamos de outra forma, à partida, atendendo aos pressupostos tradicionais. Apesar de tudo, não podemos negar que há aspetos e processos sintáticos determinantes para a frase exclamativa, como veremos melhor nos próximos capítulos.

Capítulo II - Análise sintática de alguns tipos de exclamativas em Português Europeu

2. Introdução

Neste capítulo, pretendemos efetuar uma breve passagem pelas análises feitas por linguistas portugueses às estruturas exclamativas. Começamos por apresentar Ambar (2001), Duarte (2003), Amaral (2009), Martins (2013). Faremos uma breve referência a Barbosa (2013). Como veremos, por vezes as diferentes perspetivas mostram aspetos respeitantes a diferentes subtipos de frase exclamativa.

2.1. Posição de alguns autores

Antes de apresentar Ambar (2001) faremos uma introdução a algumas ideias propostas por Rizzi (1999), em que aquela autora se baseou.

Rizzi (1999) concebe o sistema complementador (CP) como uma zona estrutural em que existem vários núcleos funcionais e respetivas projeções. Deste modo, existem, na periferia esquerda da frase, várias posições funcionais, isto é, diversas categorias funcionais previstas que podem estar, ou não, ocupadas.

Assim, o autor sugere que nas estruturas interrogativas existe uma componente fixa que envolve os núcleos FORÇA e FINITUDE, bem como uma componente acessória que envolve TÓPICO e FOCO, sendo estas duas ativadas, se necessário. Tal ativação é necessária quando existe um constituinte tópico ou foco para acomodar na periferia esquerda de uma frase. Assim, na periferia esquerda da frase podem instalar-se categorias como pronomes interrogativos ou relativos, por exemplo.

Para uma melhor conceção da perspetiva de Rizzi, representamos de seguida a estrutura que o autor propõe para o sistema complementador:

FORÇA (TOP *) FOC (TOP *) FIN IP

Como representação sintática de uma frase interrogativa, Rizzi (1999) propõe a seguinte estrutura:

FORÇA (TOP *) INT (TOP *) FOC (TOP *) FIN IP

Algo semelhante pode acontecer com frases exclamativas. O movimento do sintagma Q à esquerda forma uma exclamativa marcada. Comparemos os exemplos que se seguem: 125) “Ele é um rapaz inteligente” e 125a) “Que rapaz inteligente que ele é!”. No complementador *que* está depositado o valor avaliativo da frase.

Para Rizzi, o sistema complementador CP é importante para a expressão de FORÇA (força ilocutória), distinguindo assim os vários tipos de frase possíveis. FORÇA será crucial para a classificação entre declarativa, interrogativa, exclamativa, relativa, entre outras. FINITUDE, antes de mais, separa as frases em finitas e não finitas.

2.1.1. Ambar (2001)

No seguimento do estudo das interrogativas, a autora apresenta alguns pressupostos relativos às exclamativas Q, que importa referir. Comparando interrogativas Q e exclamativas Q, Ambar advoga que os sintagmas Q presentes nestas estruturas localizam-se numa posição mais elevada nas estruturas exclamativas do que nas interrogativas. Esta perspetiva parece apoiar a ideia de que as construções exclamativas requerem um nível extra na estrutura sintática que serve para albergar o operador factivo, como apontam Zanuttini e Portner (2003) (ver adiante).

À primeira vista, exclamativas e interrogativas apresentam muitas semelhanças. Assim, estas construções são afetadas, por vezes, de forma similar e pelos mesmos processos linguísticos. Em 126) “Que livro o João leu?” e 127) “Que livro o João leu!” (cf. Ambar, 2001:237) vemos que a ordem de constituintes é idêntica, variando a prosódia e a interpretação passível de dar a cada uma. Contudo, quer a prosódia quer a interpretabilidade das frases pode diferir entre interrogativas e exclamativas devido ao facto de, como refere Ambar, numa exclamativa, o enunciador conhecer e avaliar o referente que o sintagma Q denota.

Deste modo, frases como 127) não só pressupõem que o enunciador tem conhecimento da proposição que nelas se expressam, como tem uma opinião (isto é, avalia) a proposição. Ambar considera que a interpretação avaliativa subjacente às estruturas exclamativas contrapõe-nas às interrogativas (cf. 2001:238).

A autora defende que nas frases exclamativas Q existem duas propriedades, correspondentes a duas projeções. Por um lado, existe um traço assertivo que diz respeito à projeção de AssertiveP; por outro, a projeção de EvaluativeP mostra que tem de estar presente um traço avaliativo nestas estruturas. O complementador *que* pode verificar o traço Assertive quando o traço avaliativo EvaluativeP seleciona AssertiveP.

Tal como já haviam notado vários autores, como Grimshaw (1979), a factividade é uma das características das exclamativas (ver Capítulo I). Para Ambar (2001), o carácter factivo das exclamativas é visível na verificação do traço AssertiveP. Já o valor avaliativo destas estruturas traduz-se na verificação do traço EvaluativeP, sendo este uma projeção que desencadeia movimento dos elementos avaliativos (cf. Ambar, 2001:238). A autora propõe que um sintagma [Q + N] que introduza uma exclamativa tem uma “slot” adjetival, ou seja, 127) “Que livro o João leu!” pressupõe o lugar para um elemento adjetival, que pode estar preenchido ou não, como mostra no exemplo 128) “Que livro (bom / mau / interessante...) o João leu!” (cf. Ambar, 2001:298). Caso o constituinte adjetival seja evidente, como acontece na frase 128), em que o adjetivo é explícito, poderá coocorrer com o sintagma [Q + N]. Pelo contrário, esse elemento adjetival não pode coexistir com o sintagma Q simples, (composto apenas pela palavra começada por *qu-*, seja *que*, *como*, *quanto*) ou gerará uma frase agramatical, como se vê no exemplo 129): “*Que bom ele leu!” (cf. Ambar, 2001:238).

Deste modo, a autora considera que existe uma “slot” adjetival vazia em todas as exclamativas Q.

Ambar apresenta a seguinte estrutura para a frase 127) “Que livro o João leu!”, que agora renumeramos como 130):

130) [EvaluativeP *que* livro_i [Evaluative' [AssertiveP t_i [Assertive' [XP o João_j [WhP t_i [Wh' leu_v [FocusP t_i [Focus [XP [IP t_j t_v t_i]]]]]]]]]]] (cf. Ambar, 2001:238).

À semelhança do que acontece nas interrogativas Q sem inversão, o sintagma Q move-se aqui para Wh e posteriormente para a posição AssertiveP. A subida do sujeito deriva a ordem SV e a não subida do sujeito derivará a ordem VS. A derivação continua com o movimento para EvaluativeP (cf. Ambar, 2001:298). De acordo com Ambar, quer nas interrogativas Q eco quer nas exclamativas Q, a ordem de constituintes preferencial é a ordem SV. (cf. Ambar, 2001:238).

Ainda no que toca às projeções de domínios, Ambar defende a existência de uma projeção a mais nas exclamativas Q relativamente às que existem nas estruturas interrogativas Q sem recurso a inversão. É esta projeção adicional que legitima a derivação de exclamativas Q com complementador, como na frase 131), “Que livro que o João leu!”, cuja estrutura se desenha da seguinte forma:

131) [EvaluativeP *que* livro_i [Evaluative' [AssertiveP [Assertive' *que* [XP o João_j [WhP t_i [Wh' [FocusP t_i [Focus' [XP [IP t_j leu_{t_i}]]]]]]]]]]] (cf. Ambar, 2001:239).

Na estrutura 131), o complementador *que* verifica o traço Assertive e o sintagma Q *que livro*, verifica o traço EvaluativeP. A autora defende que as exclamativas exigem referências bem definidas aos elementos que são avaliados, uma vez que apenas sintagmas Q especificados, como [Que + N], podem verificar o traço Evaluative, não tendo de passar por AssertiveP. Em 131) temos um sintagma Q especificado; todavia, sintagmas Q simples, isto é, na sua forma mais simplificada (como *que*, *quem*...) não são especificados. O sintagma Q só se torna especificado, e, assim, passível de verificar EvaluativeP, se estiver numa relação especificador – núcleo com AssertiveP. Para Ambar, explica-se deste modo o contraste de gramaticalidade verificado entre 131), agora renumerada como 132) e as frases 133) e 134):

132) Que livro que o João leu!

133) *O que que o João disse!

134) *Onde que o João foi! (cf. Ambar, 2001:239).

À semelhança dos exemplos 133) e 134), frases de estrutura semelhante a 135) “*Que o Pedro comprou!” são agramaticais. O sintagma simples (*que*) não é passível de verificar o traço Assertive e também Evaluative, por ser defetivo quanto à finitude.

Relativamente à presença do complementador, Ambar defende que os sintagmas Q não simples, do tipo [Que + N], como é o caso de *que livro* 131), podem ou não fazer-se acompanhar de um complementador (vejamos 127) e 131), por exemplo). O mesmo não acontece com *o que* ou *quem*, que Ambar designa como [que e +_r] que rejeitam o complementador. Isto pode ser observado em frases do tipo 136) “Quem o João viu!” e 136a) “*Quem que o João viu!”. Sintagmas do tipo [que e –_r], como *que*, não podem surgir nem com complementador, nem sem ele, no caso do Português Europeu: vejam-se os casos de 137) “*Que que ele fez!” ou 137a) “*Que ele fez!”.

No que concerne à força ilocutória das estruturas exclamativas, o próprio sintagma Q tem um papel importante. A autora advoga que a força exclamativa está no sintagma Q em si, ao transportar os traços [+assertivo] e [+avaliativo], verificando AssertiveP e EvaluativeP (cf. Ambar, 2001:240).

Em conclusão, Ambar (2001) defende a existência de uma estrutura mais alta para as frases exclamativas do que aquela que têm as interrogativas, ainda que em termos de ordem de constituintes as exclamativas Q e as interrogativas Q sem inversão sejam similares.

A factividade inerente às exclamativas traduz-se, estruturalmente, no nó AssertiveP. Esta propriedade é partilhada por interrogativas Q sem inversão e por exclamativas Q, bem como pelos próprios sintagmas Q *in situ*. Contudo, Ambar sublinha uma importante diferença entre exclamativas Q e interrogativas Q sem recurso a inversão: aquelas não possuem valor interrogativo e são avaliativas, estando esta característica codificada em EvaluativeP. Ambar defende que a assertividade e o carácter avaliativo das frases exclamativas estão no próprio sintagma Q, uma vez que é este que é avaliado nas exclamativas Q em várias línguas do mundo.

2.1.2. Duarte (2003)

Duarte (2003:479) divide as exclamativas em “totais” e “parciais”, “consoante a exclamação tiver por escopo toda a frase ou apenas um constituinte”.

138) Exclamativas totais:

- a) Ele é tão simpático!
- b) Isso é que era bom!

139) Exclamativas parciais:

- a) Que simpático que ele é!
- b) Tão bem que ele cantou!

Nestas frases, (138) corresponde a duas exclamativas totais, uma vez que têm por escopo toda a frase, enquanto os exemplos numerados com (139) dizem respeito a exclamativas parciais, por apenas terem como escopo um constituinte (cf. Duarte, 2003:479).

2.1.2.1.Exclamativas totais:

Como refere Duarte, as exclamativas totais caracterizam-se por não possuírem elipse e por não ocorrerem movimentos sintáticos específicos, enquanto nas frases exclamativas parciais se incluem quer frases elípticas, quer frases não elípticas (2003:479-482).

Relativamente às exclamativas totais, a prosódia pode ter um papel determinante, pois estas exclamativas podem constituir-se sobre prolongamento de vogais ou separação fonética das sílabas, como nos exemplos 140) “Ela é liiinda!” e 141) “O bar-co é um espec-tá-cu-lo!” (2003:479). Em ambas as frases, a entoação induz a interpretação de exclamação, nestes casos num sentido de agrado ou surpresa.

Contudo, parece-nos que os mesmos mecanismos de produção destas frases poderiam ser utilizados num contexto negativo, como num confronto entre patrão e empregado, como podemos ver na frase 142) “Você está des-pe-di-do!” ou numa discussão em que os ânimos estão exaltados, como na frase 143) “Eu diiisse-te!”.

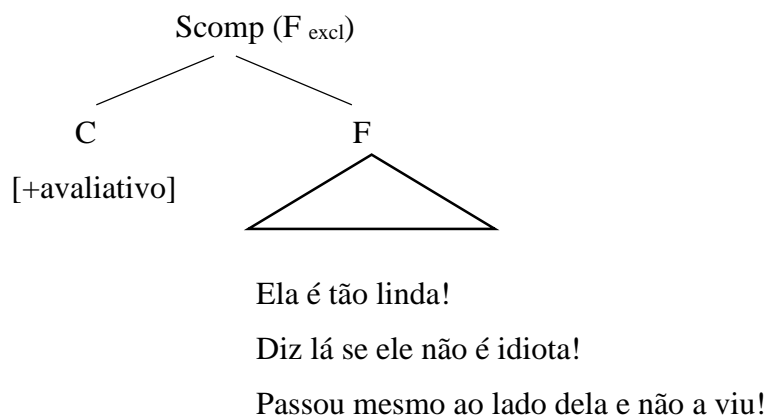
Para além destas particularidades, Duarte ressalva que as exclamativas podem enriquecer-se a partir de combinações entre prosódia e mecanismos gramaticais ou lexicais. São exemplos do primeiro caso: a utilização de “é que” antecipando o verbo no imperfeito do indicativo, como no exemplo 144) “Isso é que era bom!”, como estratégia de reforço; a graduação conseguida através do emprego de vocábulos como “tão” e “tanto”, tal como em 145) “Ela é tão linda” e 146) “O João come tanto”); a negação expletiva, que se caracteriza pela utilização do “não” sem que este signifique literalmente uma negação, mas cumpra apenas um papel enfático e, semanticamente, a frase seja interpretada como se a palavra “não” não aparecesse, o que ocorre, por exemplo, na frase 147) “Diz lá se ele não é idiota!” e, também, o clítico “se” condicional, acompanhado de forma verbal no imperfeito do conjuntivo, podendo, ou não, servir-se do “não” expletivo a que fizemos menção anteriormente: 148) “Ainda se ele fosse simpático!” (cf. Duarte, 2003:480).

A interpretação que a autora faz da frase 149) “Então ele não me diz que vai faltar ao teste?!”, é a de que a frase é equivalente a 150) “Ele disse-me que vai faltar ao teste”, com *não* expletivo. Na nossa perspetiva, esta frase poderia ser, também, interpretada como 151) “Ele não me disse que vai faltar ao teste!”, em que a exclamativa poderia ser indicadora de espanto ao ser verificado, no momento do teste, que o aluno não aparecera e não avisara o enunciador, e complementar ao pensamento 152) “Ele podia ter-me avisado que ia faltar ao teste! (mas não avisou)”. Quer dizer, parece-nos que em frases complexas com subordinação, como no exemplo acima, é possível a negativa ter ou não ter um valor expletivo.

Relativamente à combinação entre prosódia e indicadores lexicais, Duarte refere a “presença de núcleos lexicais intrinsecamente valorativos, exprimindo uma avaliação negativa, construídos com completiva finita ou infinitiva” como demonstram frases como 153) “Que ele passe a vida a zangar-se connosco é o *cúmulo*!” e 154) “Insultar-

nos desta maneira é *inadmissível!*” (2003:480). De igual forma, também o emprego de advérbios e modalizadores serve para intensificar o teor exclamativo de algumas frases, que a autora exemplifica com 155) “Isto foi cá um filme!” e 156) “Passou mesmo ao lado dela e não a viu!” (2003:480).

Para Duarte (2003), as frases 140) “Ela é liiinda!”, 141) “O bar-co é um es-pec-tá-cu-lo!”, 149) “Então ele não me diz que vai faltar ao teste?!”, 153) “Que ele passe a vida a zangar-se connosco é o cúmulo!”, 155) “Isto foi cá um filme!” e 156) “Passou mesmo ao lado dela e não a viu!” são casos que têm em comum a presença de um núcleo funcional C (comp), com o traço [+avaliativo], análise utilizada por Ambar (1999) e que Duarte adota. De acordo com a autora, este traço marca a natureza exclamativa da frase, mas não obriga a qualquer movimento sintático.



(in Duarte, 2003, p. 481)

Relativamente à forma fonética, a frase caracteriza-se por uma entoação especial, que provoca a atribuição de um sentido de teor exclamativo, que a distingue de outros tipos de atos ilocutórios.

2.1.2.2.Exclamativas parciais

Trata-se de estruturas em que o escopo da exclamação incide sobre uma parte da frase, ao contrário do que ocorre com as exclamativas totais, em que o escopo da exclamação é a totalidade da frase. Este tipo de frase exclamativa divide-se em dois subtipos: elípticas, que, como indica Duarte, “podem ser constituídas por nomes simples antecidos ou não de adjetivos valorativos (como no caso da expressão 157) “Palermice!”) e por expressões adjetivais” (como no exemplo dado pela autora, 158) “Espantoso!”), sendo que em ambas as situações podem aparecer “palavras de grau”. Ilustrativa deste último caso é o exemplo 159) “Tanta gente!” (Duarte, 2003:482).

Estes exemplos destacam-se por reduzirem a estrutura ao mínimo, já que poderiam fazer parte de estruturas mais complexas, como 160) “É espantoso!”, 161) “Que palermice!” ou 162) “Isso é uma palermice!”.

2.1.2.3. Exclamativas parciais elípticas

São frases em que existe supressão de "expressões interpretadas como semanticamente redundantes" (Hock, 1986). Incluem-se, ainda, no grupo das elípticas as frases que se constroem a partir de demonstrativos seguidos de expressões nominais, como ocorre em 163) “Aquele rapaz!”, possessivos seguidos de adjetivos valorativos, como acontece em 164) “Sua tonta!”, com epítetos, como ilustrado em 165) “A parva da miúda!” e, também, quando ocorre transformação de formas verbais em interjeições, conforme exemplificado em 166) “Livra!” (cf. Duarte, 2003: 483).

Deste modo, vemos que na opinião da autora, uma interjeição como 166) “Livra!” se inclui no grupo das estruturas exclamativas, o que contrasta com a posição aqui assumida de que não estamos perante uma frase exclamativa, mas apenas perante uma interjeição com valor de exclamação.

2.1.2.4. Exclamativas parciais não elípticas

Neste tipo de estruturas, como temos oportunidade de observar nos exemplos de Duarte, existem movimentos na sintaxe das frases relativamente à ordem canónica. Com efeito, uma frase como 167) “Tanto disparate que ele diz!” é aproximável a 168) “Ele diz tanto disparate!” (2003:483). O facto de poderem ser elípticas e de poder existir inversão da ordem canónica das palavras na frase são fatores que distinguem as exclamativas parciais das totais. Como vimos, as exclamativas parciais podem ser elípticas e podem ocorrer movimentos sintáticos, como na frase 167) “Tanto disparate que ele diz!” em que há movimentação do objeto direto para a periferia esquerda da frase. Embora sem o complementador *que* também estamos perante uma ordem marcada em frases como 169) “Muito trabalha aquele homem!”.

Em várias situações, as exclamativas parciais apresentam, como salienta a autora, “uma palavra de grau modificando um nome, um adjetivo ou um advérbio seguida de uma frase encabeçada pelo complementador *que*. O processo sintático de formação destas exclamativas, por terem a expressão exclamativa no início da frase, possui similaridades com o que ocorre nas chamadas exclamativas Q. Nestes casos, há igualmente um movimento sintático que coloca o sintagma Q no início da frase.

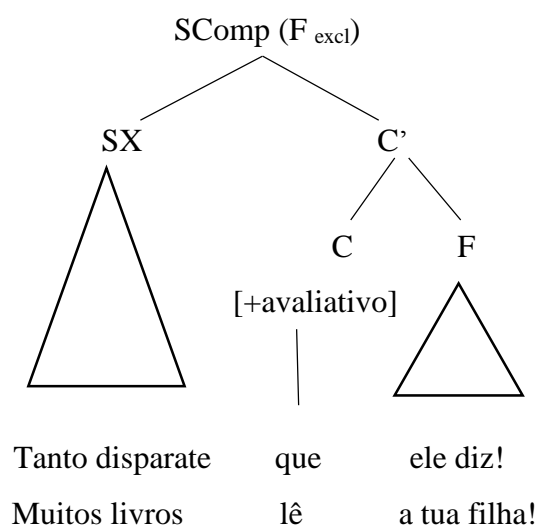
Frases como 170) “Muitos livros lê a tua filha!” (Duarte, 2003) na medida em que se iniciam com o constituinte que está no escopo da exclamação, são em parte similares às já mencionadas exclamativas Q. A diferença reside no facto de não ser possível a presença de um complementador, como se vê no exemplo 171):

171) *Muitos livros que a tua filha lê!

Vemos que frases do tipo de 170) “Muitos livros lê a tua filha!”, a ordem é objeto – verbo – sujeito (OVS), sendo a ordem OSV – 172) “?Muitos livros a tua filha lê!” de aceitabilidade duvidosa.

Relativamente à estrutura sintática de frases como 167) “Tanto disparate que ele diz!” e 170) “Muitos livros lê a tua filha!”, Duarte defende que em ambas pode ser encontrado

um núcleo funcional C, dotado do traço [+avaliativo], movendo-se a expressão de grau ou o sintagma quantificacional para a posição de especificador de C. No caso das frases com expressão de grau (“tanto”), C é lexicalizado através do complementador *que*. Quando o constituinte movido é um sintagma quantificacional (“muitos” + N), é lexicalizado por uma forma verbal.



in Duarte, 2003, p. 484

Note-se que o complementador *que* poderia ainda figurar em frases como 173) “Tantos livros que a tua filha lê!” (em que há uma quantificação de “livros”, similar a 174) “A tua filha lê imensos livros”) ou 175) “Cada livro que a tua filha lê!” (numa perspetiva qualitativa relativamente ao nome “livro”, como que indicando que a qualidade dos livros é boa ou má, na opinião do enunciador). Assim, parece haver uma relação entre a aceitabilidade do complementador *que* na estrutura e o tipo de quantificador utilizado.

As exclamativas parciais apresentam um ponto em comum com as interrogativas-Q, no sentido em que nenhum dos dois tipos de frase aceita “mais do que uma expressão de grau ou mais do que um sintagma quantificacional em posição inicial da oração” (Duarte, 2003:485). A autora crê que tal facto parece significar que o constituinte que se move ocupa em ambos os casos a única posição de especificador de uma categoria funcional (SC).

Como já vimos, as exclamativas podem exibir alteração da ordem canónica dos constituintes. De acordo com Duarte (2000), a alteração da ordem básica SVO (sujeito - verbo - objeto) acontece porque algumas construções, entre as quais as exclamativas, podem exigir esse movimento. Como refere a autora, numa frase como 176) “Que grande gelado devoraram os miúdos!”, “ocorrem palavras e expressões com uma propriedade sintática interessante: são “atraídas” para a posição inicial da oração. É isto que acontece com [...] a expressão que integra o quantificador exclamativo *que* [...]” na frase como a que a autora utiliza como exemplo. Para Duarte (2000), neste tipo de construções “o verbo precede obrigatoriamente o sujeito”. A autora compara o exemplo anterior, que renumeramos como 177) com o exemplo 178) para sustentar a afirmação:

177) Que grande gelado devoraram os miúdos!

178) ?/* Que grande gelado os miúdos devoraram!

Duarte (2000) diz-nos que no caso das exclamativas Q, quando surge “*é que*” e “*que*”, “o sujeito precede legitimamente o verbo”, tal como nas interrogativas, como se vê em 180) “O que é que os miúdos devoraram?” e 181) “Que grande gelado que os miúdos devoraram!” (Duarte, 2000:152).

Diferentemente da autora, consideramos que a frase 178) “Que grande gelado os miúdos devoraram!” é aceitável, principalmente se, através da prosódia, houver focalização do adjetivo “grande”, como em 179) “Que GRANDE gelado os miúdos devoraram!”.

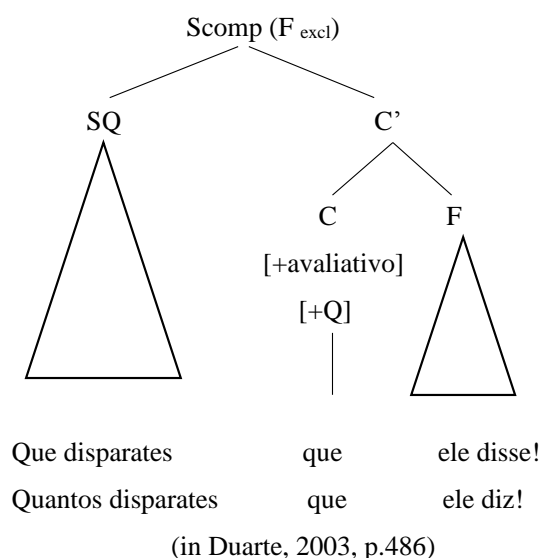
Quanto aos sintagmas Q, podem aparecer em exclamativas parciais elípticas e não elípticas. Parecem ser importantes transmissores de informação acerca do falante e da forma como este se relaciona com o conteúdo da frase dita, pois os sintagmas Q são palavras utilizadas para mensurar a qualidade ou a quantidade daquilo a que se referem, tendo um forte pendor avaliativo. Duarte (2003) considera que em 182) “Que linda que ela é!” temos um exemplo de uma exclamativa parcial não elíptica com um sintagma Q “ligado discursivamente em posição inicial da frase coocorrendo com o complementador *que*”. Trata-se de estruturas em que a posição de especificador de C e o núcleo de C estão lexicalmente preenchidos.

Existem outros casos de exclamativas Q parciais em que o complementador não surge. Pegando em exemplos da autora, temos em 183) “Que disparates ele diz!” e 184) “Como ele anda depressa!” um contraste: na primeira ocorrem sintagmas Q ligados discursivamente, em oposição ao segundo caso. Na frase 185) “Que problemas ele não teve de enfrentar!” vemos uma exclamativa parcial, também iniciada com sintagma Q ligado discursivamente. (Duarte, 2003:485).

A autora considera que em estruturas de tipo exclamativa Q parcial que contenham frases existenciais, locativas e possessivas o complementador *que* é presença indispensável. São exemplos disso frases como 186) “Que inteligente **(que)* ele é!” ou 187) “Que casa simpática **(que)* ele tem!” (cf. Duarte, 2003:486).

No que concerne à estrutura sintática das Exclamativas-Q não elípticas e sua formação, assume Duarte que além do traço [+avaliativo] em C, existe um traço [+Q] que provoca o movimento do sintagma Q para a posição de especificador de C. Aquando da ligação discursiva do sintagma-Q, a ocorrência do complementador *que* torna-se pelo menos desejável, se não obrigatória.

Assim, a estrutura sintática dos exemplos 188) “Que disparates que ele disse!” e 189) “Quantos disparates que ele diz!” é a seguinte:



Duarte considera que existe ainda uma subcategoria de exclamativas parciais elípticas que é constituída por “expressões nominais e adjetivais com quantificadores Q”, como se vê em frases como as que indica, 190) “Que estopada!” e 191) “Que lindo!”, por exemplo.

2.1.3. Amaral (2009)

Amaral (2009) afirma que o nível estrutural das construções frásicas não é, por si só, suficiente para definir o tipo de frase. Esta consideração é interessante, dado que a autora estudou os vários tipos de interrogativas, com especial enfoque as interrogativas Q, e concluiu que algumas destas estruturas facilmente nos deixam na dúvida sobre se se trata de interrogativas, exclamativas ou interrogativas retóricas. Por isso, a autora advoga que os fatores discursivos poderão ser muito importantes no estudo e classificação do tipo de frase.

Para Amaral (2009), "as exclamativas-Wh [...] são proposições com a variável identificada. O falante conhece o valor da variável expressando-se sobre ela (o valor é avaliativo). O propósito destas construções parece ser o de indicar o valor do sintagma-Wh fazendo uma apreciação." (2009:18)

Uma vez que as exclamativas são semelhantes às interrogativas em termos estruturais, torna-se ainda mais importante afinar as diferenças. Amaral nota importantes distinções entre as interrogativas Q e as exclamativas Q:

- i. O constituinte *que*: Com base em Ambar (1985, 2000), Amaral afirma que se trata de um elemento que propicia a diferenciação entre interrogativas Q e exclamativas Q, pois não ocorre em posição inicial em exclamativas Q, diferentemente do que acontece com as interrogativas Q:

192) *Que tu compraste!

193) O que tu compraste!

194) Que compraste tu?

195) O que compraste tu? (Amaral, 2009: 25-26).

- ii. A localização do sintagma Q na frase é também uma forma de distinguir a interrogativa da exclamativa, visto que "enquanto nas primeiras o sintagma-Wh pode ocorrer quer em posição inicial quer final excetuando 'que' na sua forma tónica (Ambar 1988), nas segundas apenas a posição inicial é permitida. " (2009 :23-24). Vejam-se os exemplos 194a) "O que compraste?", 194b) "Compraste o quê?", 192a) "O que tu compraste!" e 192b) "*Tu compraste o que!". Amaral mostra que não é possível que o sintagma Q esteja *in situ* e que estará sempre em posição inicial, nas exclamativas, traduzindo os exemplos de Obenauer (1994), 216) "*Ela tem que belas pernas!" e 217) "Que belas pernas (que) ela tem!". Vemos que apenas colocando o sintagma Q na posição inicial se gera uma frase correta. O par 192) *Que tu compraste! / 193) O que tu compraste! demonstra a impossibilidade de o constituinte interrogativo "que" figurar na posição inicial das exclamativas, sendo possível que tal ocorra nas interrogativas (cf. Amaral, 2009:25). No entanto, quando o sintagma Q é não argumental podem existir exclamativas Q com sintagma Q *in situ*. Isto acontece, explica a autora, devido ao facto de a variável não retomar nenhum argumento do verbo, mas antes toda a proposição. Veja-se o exemplo de Amaral, 218) "O João vai o quê!" (passível de interpretação como 219) "Ai isso é que não vai!"). Desta forma, a autora chega a uma conclusão interessante: ao aceitar o sintagma Q *in situ*, a exclamativa Q converte o valor da proposição numa polaridade contrária. Se é negativo passa a afirmativo e vice-versa.
- iii. As exclamativas Q têm uma outra particularidade que as interrogativas não apresentam, já notada por Brito (1983), Ambar (1988, 2000) e Duarte (2000) para o caso do Português Europeu e por Obenauer (2004) para algumas variedades do Nordeste de Itália: a possibilidade de ocorrência de um complementador foneticamente realizado (cf. Amaral, 2009:28-29). As exclamativas iniciadas pelo constituinte Q + N (wh + N) são bem formadas com e sem complementador. "Por outro lado [...] verificamos que as exclamativas com a forma Wh+[e] apenas são gramaticais na ausência de complementador" (2009:29). Amaral exemplifica com:

- 196) Que vestido (lindo) a Maria comprou!
- 197) Que vestido (lindo) *que* a Maria comprou!
- 198) O que a Maria comprou!
- 199) *O que que a Maria comprou!

Nas interrogativas Q, em Português Europeu, não há lugar para o aparecimento do complementador, como se vê nos exemplos da autora, aqui renumerados com 200) “*Quem que comeu o bolo?” e 201) “*O que que compraste?” (cf. Amaral, 2009:29), embora tal seja possível noutras variedades, como no Português do Brasil (PB) oral e no Português de Moçambique (PM).

- iv. Outra diferença diz respeito à possibilidade de ocorrer inversão sujeito – verbo (ISV). Como nota Amaral, baseada em Ambar (2000), “quando o sintagma-Wh se encontra em posição inicial e é um sintagma-Wh-simples (Ambar 1985, 1988), a ISV é obrigatória nas interrogativas-Wh, contrariamente às exclamativas –Wh” (2009:26). Para documentar esta afirmação, a autora compara os pares de frases que se seguem:

- 202) Onde vai o João?
- 203) *Onde o João vai?
- 204) (O) que disse o Pedro?
- 205) *(*O) que o Pedro disse?
- 206) Onde o João vai!
- 207) ?/#Onde vai o João!
- 208) O que o Pedro disse!
- 209) ?/#O que disse o Pedro!

- v. Amaral defende também que *é que* é excluído das exclamativas Q. Assim, temos um teste que diferencia interrogativas Q e exclamativas Q (2009:28):

- 210) *Onde é que a Leonor foi!
- 211) Onde a Leonor foi!

212) *Que vestido é que a Leonor está a experimentar!

213) Que vestido a Leonor está a experimentar!

No entanto, notamos que a visão tradicional que defende que “é que” é uma prerrogativa das interrogativas poderá ser refutada mediante algumas considerações. Voltaremos a este assunto no Capítulo III.

Embora tanto as exclamativas Q como as interrogativas Q retóricas não exijam resposta – uma vez que o seu fundamento não é o de obter informação – as exclamativas Q rejeitam mesmo que o valor da variável seja especificado através de uma resposta: “são apenas permitidos comentários com o objetivo de concordar/discordar e/ou acrescentar informações sobre a variável” (Amaral, 2009:34). O que acontece é, como mostra a autora, o seguinte:

214) A - Que vestido que compraste! (exclamativa)

215a) B -#O azul celeste de veludo. (resposta inadequada para uma exclamativa)

215b) B - É lindo, não é? Comprei-o ontem. (Amaral, 2009:34).

Um dos tipos de construção analisados por Amaral designa-se “SDQ” (*surprise disapproval questions*) e são consideradas por Munaro (1998) um tipo de exclamativas Q. Em ambos os tipos de frase a variável em consideração é perfeitamente identificável, isto é, nenhuma das duas estruturas busca mais informação, mas antes a expressão de uma avaliação da variável. Confrontemos exemplos das duas: 216) “O que está ele (para ali) a ler?” e 217) “ O que ele está a ler!” (cf. Amaral, 2009:34-35). Em nenhum dos casos o falante quer efetivamente saber o que a pessoa de quem fala está a ler. Assume-se que detém essa informação e o que lhe interessa é mostrar a sua desaprovação para com a variável expressa.

Em conclusão, para Amaral existem diferenças estruturais entre vários tipos de interrogativas e de exclamativas. Acerca das exclamativas Q, as principais características a ter em consideração são: a impossibilidade de ocorrência de sintagmas Q *in situ*, a não aceitabilidade de complementador, a impossibilidade de recurso a “é que”. As exclamativas Q caracterizam-se também por terem a variável identificada,

possuírem valor avaliativo e só permitirem inversão sujeito-verbo se se fornecer interpretação de foco contrastivo.

2.1.4. Martins (2013)

Martins (2013) analisa certos aspetos sintáticos que merecem atenção no estudo das frases exclamativas. Dado que não analisou especificamente as exclamativas Q, enunciaremos apenas algumas ideias da autora, sem aprofundar muito, focando-nos nas ideias mais relevantes para o nosso trabalho.

Para a estudiosa, à semelhança do que defendem outros autores, as exclamativas pressupõem a vontade dos falantes que as proferem de se expressar, enquanto uma asserção visa somente fornecer informação.

Martins (2013) defende a existência de dois tipos de estruturas coordenadas exclamativas no Português Europeu: de Tipo I e de Tipo II. As estruturas de Tipo I possuem focalização contrastiva do sujeito; as de Tipo II não a possuem (cf. Martins, 2013:01). Faremos uma breve apresentação de seguida:

Estruturas coordenadas de Tipo I

São construções em que existe contraste na focalização do sujeito. Deste modo, expressam duas possíveis alternativas e o enfoque recai sobre cada uma delas, uma de cada vez: 220) “Contas tu ou conto eu! (não os dois em simultâneo)”. (cf. Martins, 2013:02).

Vários autores, como Ambar, Duarte, entre outros, defendem a existência de um nó avaliativo na posição C nas frases exclamativas. Martins (2013) defende, de igual modo, esta ideia. Opina que nas estruturas de Tipo I há movimento do verbo para C, movimento este que legitima o traço avaliativo. Quanto ao sujeito, considera que há movimento para Spec, FocP numa posição abaixo, no domínio de CP.

Estruturas coordenadas de Tipo II

Podem ter uma interpretação concessiva - o comentário implícito recai preferencialmente sobre o segundo membro da estrutura coordenada - possibilitando a alteração da ordem dos membros da estrutura, como ocorre em 221) “Leu o miúdo os livros todos e o professor dá-lhe esta nota!” (Martins, 2013:03), ou uma interpretação adversativa, recaindo o comentário implícito sobre o primeiro membro da estrutura coordenada. Continua a ser possível reordenar os membros da estrutura. Como se vê em 222) “Quer ela ser escritora e escreve desta maneira!” e 223) “Escreve desta maneira e quer ela ser escritora!” (Martins, 2013:03).

A coordenação destas frases é não recursiva, expressando comparação ou contraste.

225) Convidei eu a Maria para jantar e ela não apareceu! (2013:02)

Não denotam escalaridade, e neste aspeto afastam-se das exclamativas Q: “Ontem perdeu a Maria o casaco. Agora perdeu o João as luvas!” (2013:02)

Expressam tipicamente uma reação emotiva negativa (indignação, decepção, irritação...): 226) “E quer ela ser escritora!” (2013:03), afastando-se das exclamativas Q, que podem expressar atitudes negativas e positivas.

Para apoiar a ideia de que as exclamativas coordenadas servem para expressar emoções negativas, Martins confronta este tipo de estrutura com as exclamativas Q, propondo um teste que demonstra que as interjeições que expressam alegria, euforia e reações favoráveis não são compatíveis com as estruturas coordenadas, mas são compatíveis com exclamativas Q. Vejam-se exemplos da autora, aqui renumerados; enquanto 227) “Uau!/Ena! Que linda casa!” é aceitável, na opinião da autora, o mesmo não acontece com 228) “*Uau! *Ena! Contas tu ou conto eu!”.

Martins concorda com Zanuttini e Portner (2000, 2003) ao defender que as exclamativas são factivas e, como tal, pressupõem a verdade da proposição denotada. Assim sendo, não servirão como resposta a interrogativas polares. São exemplos:

229)

A - A Maria veio ao jantar?

B - # Convidei-a eu para jantar e ela não apareceu!

B- Não. Convidei-a eu para jantar e ela não apareceu!

As exclamativas analisadas pela autora são não escalares. No entanto, Martins (2013) observa que as exclamativas escalares não colocam, geralmente, entraves à negação expletiva. Contudo, restringem a negação regular. A autora refere “Quantos livros ele não leu!”, em que a interpretação a fazer é a de que o falante se refere aos livros que ele leu, e não aos que não leu (Martins, 2013:05). Podemos constatar que existem vários exemplos disso na linguagem quotidiana: 230) “As tralhas que ela não trouxe!” terá a mesma interpretação de 231) “As tralhas que ela trouxe!”, sendo a negação expletiva uma mera estratégia enfática.

Relativamente às exclamativas não escalares, não há lugar à negação expletiva (veja-se o nosso exemplo, 233) “#Que belos bolos ele não comeu!”) ou o exemplo da autora, 234) “Que bela casa que tu (*não) compraste!”, mas pode ocorrer negação regular:

234)

A - Vou convidar os meus pais para passarem uma semana connosco.

B - E fazes tu todos os dias o jantar! (cf. Martins, 2013: 10).

Em conclusão, Martins (2013) direciona a sua análise para estruturas coordenadas exclamativas de ordem VSO, dividindo-as em dois tipos, com e sem foco contrastivo. Embora não sejam exclamativas Q, partilham com estas algumas propriedades, afastando-se noutras características. Em comum têm: a transmissão de a emoção do falante (ainda que tipicamente negativa), o que não acontece sempre com as exclamativas Q, e a factividade. Afastam-se no critério da escalaridade, que não existe nas estruturas coordenadas exclamativas.

2.1.5. Barbosa (2013)

Faremos uma breve referência a Barbosa (2013), pois a autora inclui estruturas aparentadas com as exclamativas Q no rol das frases que designa como “orações subordinadas exclamativas”. Este tipo de estruturas, como refere, inicia-se com um constituinte detentor de uma palavra exclamativa (uma palavra Q) (cf. 2013:1837). As palavras assim denominadas poderão figurar em frases interrogativas ou relativas. Deste modo, não são vocábulos inerentemente exclamativos, são antes utilizados em estruturas que o são, ou que pelo menos são dotadas de exclamação, e a autora define-os desta forma por se integrarem em estruturas deste tipo.

Estamos assim perante frases complexas com uma exclamativa encaixada, e por esta razão, são frases subordinadas exclamativas. Os constituintes Q presentes nos exemplos dados são, respetivamente, *quem*, *quão* e *onde*:

263) É incrível [*quem* a foi cumprimentar].

264) Eles disseram-me [*quão* complicado é o problema].

265) É fantástico [*onde* ele foi comprar o computador]. (cf. Barbosa, 2013:1837).

Comparemos com:

266) Quem a foi cumprimentar!

267) Quão complicado é o problema!

268) Onde ele foi comprar o computador!

As frases numeradas de 263) a 264) são, para a autora, exclamativas parciais encaixadas. Como já vimos, as exclamativas parciais recebem este nome porque o foco da exclamação recai apenas em parte da estrutura e não na sua totalidade. Deste modo, Barbosa defende que “a palavra exclamativa assinala o termo que constitui o foco da exclamação” (Barbosa, 2013:1837).

Quanto a frases em que não se destaque um constituinte que possa ser definido como foco da exclamação, advoga a autora que estamos na presença de exclamativas globais, à semelhança do que Duarte (2003) designa como exclamativas totais. Nestas estruturas, é a totalidade da oração subordinada que recebe o foco da exclamação, como nos exemplos dados pela autora, aqui renumerados:

269) É incrível [como ela faz tudo sozinha].

270) Surpreende-me [como ela foi ao médico]. (Barbosa, 2013:1837).

Nestas frases, a autora diz que o constituinte Q *como* não tem papel de argumento nem de adjunto adverbial, e por isso não estabelece relação “com nenhum termo da oração subordinada” (2013:1837).

Quer as exclamativas parciais quer as exclamativas globais são, defende a autora, que concorda com outros estudiosos nesta matéria, frases em que “o valor das palavras exclamativas ou do constituinte que as contém é conhecido e determinado” (cf. Barbosa, 2013:1838). A estudiosa também refere a expressão de uma reação afetiva perante um estado de coisas expresso na frase. Deste modo, Barbosa diz que nestas frases existem dois componentes: o da proposição asserida, relativo à descrição do conteúdo da frase (“o problema é complicado” em 264) “Eles disseram-me [quão complicado é o problema]”, por exemplo; e, por outro lado, um componente em que está patente o envolvimento emocional do enunciador face ao valor da palavra exclamativa ou do constituinte que a detém, que no caso das exclamativas totais (ou globais) é a frase na sua totalidade.

Vemos assim que para Barbosa (e também para Ambar) nas exclamativas há sempre um conteúdo proposicional asserido, mas outros autores consideram que o conteúdo proposicional é pressuposto (Zanuttini e Portner, entre outros).

Como vemos, as orações subordinadas exclamativas exigem um constituinte Q colocado no início da frase (característica das exclamativas Q); já as exclamativas não subordinadas apresentam constituintes exclamativos que podem ser iniciados por palavras Q, ou podem ser palavras de categorias diversas, advérbios ou adjetivos, como

tão ou *tanto*, seguido de um constituinte nominal ou adjetival e contendo ou não o complementador *que*.

Atendendo a estas características, a autora defende que são orações subordinadas exclamativas frases como as seguintes:

271) A imprensa sabe que ricos eles são.

272) É incrível quantas asneiras ele disse. (cf. Barbosa, 2013:1838).

As orações exclamativas não subordinadas correspondentes são:

273) Que ricos (que) eles são!

274) Tão ricos que eles são! (Barbosa, 2013:1838).

As frases exclamativas, uma vez que têm conteúdo proposicional pressuposto, não admitem contextos em que tal conteúdo é negado. As exclamativas têm em comum com as interrogativas o facto de admitirem vários tipos de predicador, verbal e não verbal (adjetivos, substantivos...). Para Barbosa, o tipo de predicador que selecciona a oração subordinada terá peso na sua classificação tipológica.

Barbosa (2013) considera que as orações subordinadas, dependendo da categoria das palavras nelas incluídas, podem ser classificadas de forma diferente quanto à tipologia gramatical. Desta forma, na sua perspetiva, a classe gramatical de uma palavra ou mesmo as diversas conotações que uma mesma categoria pode ter determinam o tipo de frase em questão. Por exemplo, a autora refere que num conjunto de duas frases completivas (dentro de parênteses retos) que tenham função de sujeito e sejam seleccionadas por um nome, é este nome que define se se trata de uma frase interrogativa ou exclamativa:

275) É uma *incógnita* [a que horas eles chegam]. [interrogativa]

276) É {uma *vergonha* / um *escândalo*} quanto dinheiro ele te deve] [exclamativa] (cf. Barbosa, 2013:1840).

O mesmo se passa com outros casos e com outras categorias. Seguem-se exemplos com uma completiva com função de complemento selecionada por um nome:

277) Ainda não tomaram uma *decisão sobre* [se pagam o décimo terceiro mês ou não]. [interrogativa]

278) Todos temos *consciência* de [quão complicado é o problema]. [exclamativa]
(Barbosa, 2013:1840).

Também é o caso de 279) “É uma *vergonha* [quanto dinheiro ele te deve]”, que a autora classifica como exclamativa, e 280) “É uma *vergonha* [que ele te deva dinheiro]”, que diz ser uma frase declarativa.

Em conclusão, Barbosa considera que há frases subordinadas que são frases exclamativas. Em alguns exemplos dados, as frases subordinadas albergam exclamativas parciais, em que o foco exclamativo recai numa parte da frase. Quanto às frases em que não se identifica um constituinte sobre o qual recaia o foco, recebem a designação de exclamativas globais.

A autora defende a ideia de que o tipo de frase pode ser identificado atendendo ao tipo de predador que seleciona a oração subordinada. Por sua vez, o tipo de complemento encaixado depende também da presença de um constituinte Q (que deve transmitir quantidade ou qualidade para que a frase seja exclamativa), e da expressão de uma quantidade ou qualidade, através de um adjetivo, por exemplo.

2.2. Conclusões do Capítulo II

Neste capítulo apresentámos algumas análises de exclamativas propostas por linguistas portugueses. Existem aspetos em comum e aspetos divergentes nas diferentes análises apresentadas, embora os tipos de exclamativa abordados sejam distintos. Na generalidade das estruturas exclamativas existe teor avaliativo, seja graduável ou não, e em todas as exclamativas há, indubitavelmente, a expressão da reação do falante. Esta intenção expressiva é reforçada por vários mecanismos sintáticos e não sintáticos.

Para Ambar (2001), a projeção dos nós AssertiveP e EvaluativeP justifica-se como forma de albergar dois traços que caracterizam estas frases: assertividade e avaliação. A assertividade está ligada à factividade inerente a estas estruturas. O traço avaliativo relaciona-se com o valor subjetivo e de avaliação das exclamativas Q. Amaral (2009), que baseia o seu trabalho nas ideias de Ambar, defende, à semelhança de outros autores, que o nível estrutural é insuficiente para definir o tipo de frase. A autora sumariza os principais aspetos que marcam as exclamativas Q, alguns deles comuns a outras construções exclamativas: variável identificável, teor avaliativo, possibilidade de inversão sujeito-verbo, impossibilidade de sintagma Q *in situ*, não aceitabilidade de *é que*, limitações no surgimento de complementador. Ambas as autoras defendem perspetivas em que a periferia esquerda da frase é muito aumentada, à semelhança do postulado por Rizzi, Obenauer e outros autores.

Duarte (2003) estuda vários tipos de exclamativa e defende a existência de um traço avaliativo que está alojado na posição C da estrutura. Para esta autora, é aqui que está codificada a natureza exclamativa da frase. O valor expressivo das frases pode ser intensificado com recurso a uma prosódia especial e a mecanismos linguísticos. Duarte nota a existência, no núcleo funcional C (comp), do traço [+avaliativo], também referido por Ambar (1999). Além disso, existe um traço [+Q] que provoca o movimento do sintagma Q para a posição de especificador de C. Com a ligação discursiva do sintagma Q, torna-se possível o surgimento do complementador *que* na estrutura.

Nas exclamativas totais não há obrigatoriedade de movimentos sintáticos; nas exclamativas parciais, por seu turno, pode haver movimentos sintáticos, como é o caso da inversão sujeito-verbo, para além do movimento Q para especificador de CP, como acima referido.

Assim, a análise de Duarte (2003) é mais simples do que a apresentada por Ambar e Amaral, baseando-se na perspetiva de Chomsky, postulando a existência de CP, em que C codifica os traços [+avaliativo] e [+Q].

Martins (2013) introduz um aspeto novo, relacionado com o teor avaliativo das frases exclamativas, mostrando que as frases exclamativas com coordenação, ainda que avaliativas, não são escalares e traduzem, sobretudo, emoções negativas do falante. Podem recorrer a inversão sujeito-verbo em alguns casos (ordem VSO), descrita por Martins (2013) como resultado do movimento do verbo para C.

Barbosa (2013) analisa apenas orações subordinadas exclamativas que são introduzidas por um constituinte sintático que possui uma palavra Q. Esta palavra pode ter várias funções sintáticas. Existem subordinadas exclamativas parciais e globais. Para esta autora, a identificação do tipo exclamativo ou do tipo interrogativo de certas orações subordinadas depende essencialmente da natureza do predador que as selecciona.

Capítulo III - Análise de alguns tipos de exclamativas Q frásicas em Português Europeu

3. Introdução

Neste capítulo vamos analisar alguns exemplos de exclamativas Q que recolhemos na pesquisa de *corpus*. Como sabemos, pelo que vimos nos Capítulos I e II, a variedade de exclamativas é grande. Por isso, a opção recaiu sobre estruturas iniciadas com constituinte Q em construções de variadas dimensões. Esta opção justifica-se devido à impossibilidade de analisar com igual cuidado cada tipo de estrutura possível, atendendo à existência de muitas construções. Limitámos ainda a nossa atenção a exclamativas iniciadas pelo morfema *que* e deixámos de lado todo os outros morfemas exclamativos: *como*, *que*, *quanto*, *quem*, *onde* são exemplos que alargariam muito os nossos limites de estudo, merecendo uma análise cuidada que não poderemos levar a cabo nesta dissertação.

Propomo-nos, assim, através da análise de *corpus*, 1) identificar frases e sintagmas exclamativos iniciados por *que*, 2) estabelecer a comparação entre exclamativas Q e interrogativas Q e verificar se o *corpus* que serve de base ao nosso estudo contém, além de exclamativas Q, construções aparentadas com aquele tipo de frase e 3) analisar a estrutura sintática das referidas frases.

Dada a diversidade e a riqueza linguística de que dispomos, a recolha de *corpus* efetuada foi reduzida. Aquilo que pretendemos, sobretudo, é analisar alguns aspetos sintáticos e semânticos destas construções, esperando que outras hipóteses de investigação se abram para prosseguirmos com a exploração deste tema.

3.1. Metodologia adotada para a pesquisa de *corpus*

Os exemplos que analisaremos foram recolhidos no *corpus* CETEMPúblico. A pesquisa foi realizada visando obter enunciados correspondentes a exclamativas Q alicerçadas numa construção padronizada, do tipo *Que* + um ou mais constituintes. O *corpus* é constituído por excertos de textos publicados na comunicação social. Desta forma,

consideramos que ele se enquadra na norma padrão do português, a norma culta habitualmente utilizada pelos profissionais da área do jornalismo.

A recolha de dados no *corpus* foi efetuada atendendo a dois métodos de classificação: quanto ao número de constituintes que seguem a palavra *Q* e quanto ao tipo de constituintes que surgem nas frases selecionadas. Assim sendo, a pesquisa devolveu, quanto ao primeiro critério, estruturas de *Que* + um constituinte, *Que* + dois constituintes, *Que* + três constituintes, *Que* + quatro constituintes, *Que* + cinco constituintes, *Que* + seis constituintes e *Que* + sete constituintes. A pesquisa permitiu verificar, de imediato, que quanto maior é o número de constituintes que seguem a palavra *Que*, menor é a frequência desse tipo de frases, o que vai ao encontro da ideia de que os falantes do Português Europeu fazem uso frequente das expressões exclamativas *Que* + SN ou SADJ.

3.2. Enquadramento teórico adotado

Assumimos na presente dissertação uma abordagem sintática no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros. Esta teoria advém da evolução da antecessora Teoria da Regência e da Ligação. A Teoria dos Princípios e Parâmetros pressupõe a existência de princípios linguísticos comuns a todas as línguas do mundo, sendo as variações notadas entre elas devidas às diferenças dos parâmetros de cada língua, as suas características próprias e distintivas. Os princípios são comuns às línguas, universais, enquanto os parâmetros variam consoante as línguas a que dizem respeito.

Esta teoria, enquadrada no modelo generativista, aborda a produção linguística como uma organização de dados obtida pela aplicação de um sistema de regras, sistema esse capaz de gerar sequências infinitas de frases. Assim, o cérebro humano é visto como sendo capaz de gerar uma infinidade de frases, partindo de inúmeras combinações possíveis de unidades linguísticas. Esta ideia é basilar para a designação da escola de Chomsky como “generativista”: a ideia de que a geração de material linguístico que o ser humano pode produzir é cada vez mais complexo e, de certo modo, é intrínseco à condição humana.

Este modelo tem como pressuposto a ideia de que deve existir uma teoria da gramática, estudando eventuais princípios comuns às línguas do mundo.

Chomsky apresenta, na Teoria de Princípios e Parâmetros, uma abordagem mental da linguagem e rejeita que o comportamento tenha peso na capacidade de produção linguística dos falantes. Defende um modelo predominantemente mental, com ênfase na mente humana. O ser humano é, assim, dotado de “ferramentas” inatas, com as quais aprende a utilizar a linguagem. Trata-se da “Gramática Universal”. No modelo de Princípios e Parâmetros, aqueles não seriam aprendidos, isto é, são pré-existentes ao ser humano, universais na gramática; os parâmetros são objeto de aquisição, com base na natureza dos dados do *input*.

O principal estudo de que partiremos é Duarte (2000, 2003) no que concerne à estrutura sintática da frase exclamativa. Recorreremos, sempre que necessário, a Ambar (2001), Amaral (2009), Castroviejo (2008), entre outros autores. Quanto ao estudo das características semânticas e pragmáticas, utilizaremos as ideias apresentadas no Capítulo I, nomeadamente Zanuttini e Portner (2003), Marandin (2008) e Michaelis (2001).

3.3. Análise sumária dos dados

Como já referimos, fizemos pesquisas no *corpus* CETEMPúblico. Como resultado, obtivemos vários tipos de construções sintáticas compostas por *Que* + um ou mais constituintes. Assim, encontrámos estruturas de grande heterogeneidade, incluindo exclamativas, interrogativas, optativas e interjeições, que passamos a apresentar.

Tipo I – Estruturas de SN com construções nominais de diferente complexidade / SN exclamativos:

- 280) Que maneira de organizar os encontros!
- 281) Que ideia a sua!
- 282) Que tragédia a nossa!
- 283) Que belo programa de Natal!
- 284) Que lição tão interessante de Física!

- 285) Que cidade tão bonita!
- 286) Que triste fim de vida!
- 287) Que tormento!
- 288) Que destino vergonhoso para um indivíduo!
- 289) Que diferença para a nossa terra!

Tipo II – Que + adjetivo:

- 290) Que bonita!
- 291) Que giro!
- 292) Que guapa!
- 293) Que absurdo!
- 294) Que ridículo!
- 295) Que diferente!
- 296) Que engraçado!
- 297) Que rocambolescos!
- 298) Que naturais!
- 299) Que querido! [Adoro o Pai Natal!]

Tipo III – Exclamativas Q frásicas (em que a frase pode ser uma frase finita ou não finita, em que surgem SN ou SAdj no início da frase e sem complementador *que*):

- 300) Que bom é para Afrodite nascer!
- 301) Que pena ele não se chamar Maria!
- 302) Que responsabilidade teríamos nós!
- 303) Que estranho se sentiu, pois é verdade!
- 304) Que pena ele não ter sido meu colega!¹
- 305) Que menina tão bem comportada me saíste!
- 306) Que bom ter o português como língua materna!
- 307) Que segurança transmitiram estes médicos às pessoas!

¹ A frase 304) tem negação frásica. A frase pode ser elíptica (“Que pena *é* ele não ter sido meu colega!”) e nesse caso a negação relaciona-se com o carácter complexo / de subordinação.

Tipo IV – Exclamativas Q frásicas com complementador *que*:

- 308) Que belo filme que isto dava!
- 309) Que confusão que para aí vai!
- 310) Que bom que é não ter responsabilidade alguma!
- 311) Que corajosa que és!

Como notámos ao longo da dissertação, as frases exclamativas têm paralelos e diferenças relativamente às frases interrogativas Q e às optativas. No nosso *corpus* encontrámos, entre outros, as seguintes interrogativas Q e as seguintes optativas:

Tipo V - Interrogativas Q

- 312) Que raio de jornalismo é este!?
- 313) Que é que foi?
- 314) Que mais irão eles inventar?
- 315) Que quer professor? Deixe lá!
- 316) Que é isso, meu irmão?
- 317) Que sabão é este? Tão branco.
- 318) Que pretendemos? Que chumbe? Homem!
- 319) Que sei eu?!
- 320) Que importa? O canto é soberbo!
- 321) Que acho da proposta vencedora?!

Tipo VI - Optativas

- 322) Que Deus me guarde e defenda!
- 323) Que fique feito em churrasco!
- 324) Que me desmintam se não é verdade!
- 325) Que o Minho nunca os separe!
- 326) Que a cegonha os traga depressa!
- 327) Que Deus me ajude!
- 328) Que a perna lhe seja leve!

- 329) Que hoje seja o início da luta!
- 330) Que não restem dúvidas que venceram os traficantes!
- 331) Que ganhe o melhor!

Tipo VII - Interjeições

- 332) Que raio, só se ouve falar brasileiro!
- 333) (Ai) que me queimei!

Como referimos, a recolha que efetuámos visa um tipo particular de exclamativa Q: as exclamativas de estrutura *que* + constituinte(s) (N, ADJ, ADV...), sendo depois estendida a estruturas mais extensas, sempre iniciadas com *que* e seguidas de mais ou menos palavras.

Pelas similaridades sintáticas existentes entre exclamativas Q e as estruturas que Duarte designa como parciais (o facto de possuírem uma palavra de grau a modificar um outro constituinte, bem como o movimento de um sintagma para o início da frase), consideramos as exclamativas Q como um subtipo de exclamativa parcial.

Como pudemos verificar na análise de *corpus*, algumas estruturas que encontrámos partilham a característica avançada por Duarte (2003) para as frases exclamativas parciais: terem como escopo um único constituinte. Isto ocorre em exclamativas Q do tipo *Que* + constituinte, como 334) “Que idiota!”, 335) “Que dia!”, 336) “Que espetáculo!”, 337) “Que atitude vergonhosa!”, 338) “Que homem extraordinário!”.

Adotámos a divisão defendida no Capítulo I entre exclamações e exclamativas, separando, por isso, estruturas que Duarte (2003) defende como sendo exclamativas parciais elípticas, como 339) “Palermice!” do rol das frases exclamativas, pois acreditamos que expressões como esta, bem como as interjeições (como é o caso de 340) “Livra!”, que Duarte classifica como exclamativa parcial elíptica), podem ser exclamações, mas não são frases exclamativas. De facto, no seguimento da distinção feita por Zanuttini e Portner (2003), para quem a força frásica é determinante para classificar uma frase como exclamativa, uma exclamação como 339) “Palermice!” não

possui a força frásica de que falam estes autores, estando patente, não obstante, a força ilocutória da exclamação, caracterizada por uma atitude não neutra do falante, uma atitude subjetiva face ao que é dito, bem como a avaliação de um estado de coisas.

Nas exclamativas parciais Q, o constituinte *Que* possui um valor avaliativo e parece ser a expressão de grau. Por isso, encontramos-lo nos nossos tipos I e II, antecedendo a exclamativa de tipo II com escopo sobre o adjetivo ou no tipo I precedendo o N, em que possivelmente existe um adjetivo implícito, ou em que existe um N intrinsecamente valorativo (cf. Ambar, 2001). Muitos falantes produzem exclamativas apenas constituídas pela palavra *que* seguida de outra palavra, construindo estruturas tão poderosas e significativas como seriam frases mais longas e com uso de mais constituintes. Deste modo, uma construção *Que* + constituinte não pode, geralmente, ter outras palavras inseridas, como ocorre com outras frases exclamativas que, essas sim, empregam outras partículas de ênfase (vejam-se os exemplos 341) a 349):

341) Que idiota! (semelhante a “Tão idiota!”, o que torna ainda mais proeminente a ideia de que as exclamativas Q são inerentemente exclamativas de grau).

342) * Que é idiota!

343) ?É que é idiota!

344) É que é mesmo idiota!

345) Que idiota que ele é!

346) Ele é cá um idiota!

347) *Cá idiota! (compare-se com “*Ele é que idiota!”; a presença de *que* parece impedir a presença de outros constituintes em certas estruturas).

348) Como é idiota!

349) *Como idiota!

Em quase todos os exemplos anteriores, ou é necessária uma estrutura frásica, com verbo e, por vezes, um advérbio, para obter uma frase aceitável, ou então podemos ter uma estrutura elíptica com *Que* + constituinte. Assim, quando *que* surge, outros constituintes tornam-se dispensáveis ou mesmo inaceitáveis.

Encontrámos também exclamativas parciais não elípticas, que se caracterizam pela estrutura frásica. Nelas, existe possibilidade de movimentos sintáticos ou movimento do constituinte interrogativo como em todos os exemplos dos nossos Tipos III e IV, em que constam exemplos como 350) “Que fiz eu afinal!” e 351) “Que bem fica o vestido!”.

Podem também ocorrer fenómenos de alteração de ordem de palavras, como na frase (352) “Tanto disparate que ele diz!” (Duarte, 2003:483) se a compararmos com 352a) “Ele diz tanto disparate!”.

3.4. Análise sintática e semântica de alguns tipos de exclamativas Q frásicas e construções similares

Com a presente dissertação, visamos abrir caminho para o estudo de diversas estruturas exclamativas de que a língua portuguesa dispõe. Porém, seria demasiado ambicioso procurar dar o tratamento devido a tantas questões que merecem reflexão mais profunda, abarcando construções tão heterogéneas. Por essa razão, foi necessário seleccionar o material a analisar com mais especificidade.

Assim, começaremos por distinguir as interrogativas Q e as exclamativas Q; em seguida, distinguiremos exclamativas Q e s frases optativas; finalmente, estudaremos dois géneros de exclamativas Q frásicas, a que chamámos “Tipo III” e “Tipo IV”, isto é, estruturas exclamativas frásicas, sendo o primeiro conjunto composto por frases exclamativas Q finitas ou não finitas sem complementador *que*, enquanto o segundo tipo é constituído por estruturas com complementador *que*.

Não podemos deixar de referir que a opção tomada não contemplou o estudo do tipo de construção que designámos como Tipo I, ainda que este tipo seja um dos mais representados no *corpus*, uma vez que se trata de um tipo de estrutura que requer uma análise aprofundada do próprio sintagma nominal, o que acabaria por se afastar do objetivo da presente dissertação.

Primeiramente, faremos uma análise sintática sumária às interrogativas e às optativas, comparando-as com as exclamativas, para, posteriormente, enveredarmos pela análise dos tipos de estrutura mencionados, recordando os aspetos pragmáticos e semânticos que caracterizam estas frases, bem como, e principalmente, estudar a estrutura sintática que as enforma. Seguidamente, tentaremos demonstrar como diversos aspetos semânticos, pragmáticos e sintáticos notados por vários autores referenciados se fazem sentir em exemplos práticos do quotidiano.

3.4.1. Interrogativas Q e exclamativas Q

Torna-se importante apresentar algumas características das interrogativas Q, devido às similaridades sintáticas com as exclamativas.

Nos exemplos anteriormente mencionados, verificam-se aspetos já notados por autores como Ambar (2001) e Castroviejo (2008) nomeadamente a ligação entre as interrogativas Q e as exclamativas Q. Deste modo, o exemplo 353), “Que raio de jornalismo é este!?”), é uma frase formalmente interrogativa, contendo também um determinado juízo de valor. Assim, não é apenas um pedido de informação. Trata-se de uma interrogativa, ainda que com teor exclamatório, reforçado pela interjeição “que raio”.

Neste caso, a estrutura sintática de uma versão puramente exclamativa desta frase seria 354) “Que raio de jornalismo (é) este!, em que a principal distinção entre este par interrogativa / exclamativa residiria na prosódia e na componente semântica e pragmática, isto é, a finalidade e o significado das frases diferem ligeiramente, mas a construção é praticamente a mesma. Estruturalmente, ambos os exemplos apresentam movimento do sintagma Q à esquerda, deixando o demonstrativo *este* ou posposto ao

substantivo *jornalismo*, como em 354a) “Que raio de jornalismo este”, ou posposto ao V *ser*, como em “Que raio de jornalismo é este!, que tem uma estrutura predicativa, embora invertida pelo movimento Q (cf. 354b) “Este é um raio de jornalismo!”).

Como vimos em diversas ocasiões, parece existir uma relação entre o movimento Q para o início da frase e a expressividade da emoção ou atitude transmitidas, reforçada pelo facto de o demonstrativo ficar no fim da frase. Por outro lado, semântica e pragmaticamente, o exemplo 353) e a sua “versão” exclamativa partilham alguns aspetos. Não estão isentos da subjetividade da avaliação do falante, pois nem mesmo na interrogativa este pretende pura e simplesmente inteirar-se de alguma informação; antes deseja manifestar o seu repúdio pelo tipo de jornalismo em causa.

Podemos mesmo afirmar que na frase interrogativa 353), o falante procura a concordância do seu interlocutor, pois ao formular a “pergunta” já insere um elemento de avaliação negativa, quase como se não admitisse outra hipótese que não o acordo do seu interlocutor; enquanto numa frase exclamativa semelhante ele deseja sobretudo dar a conhecer o que pensa. Uma das características das interrogativas Q é, à partida, o desconhecimento do valor da variável; mas isso não acontece com o exemplo 353), que tanto se aproxima de uma frase exclamativa como de uma interrogativa retórica, pois o falante não espera qualquer resposta a esta pergunta.

Em alguns exemplos de interrogativas pode constatar-se a presença de *é que*, que tem sido analisado como uma estratégia de focalização ou de reforço da interrogação do constituinte em causa, (ver frase 354) “Que é que foi?”). Como afirma Amaral (2009), tal não acontece com as exclamativas Q, em que a expressão *é que* não aparece. Contudo, importa referir que, relativamente à legitimidade de *é que* nas exclamativas Q, notamos que frases como 355) “*Olha onde é que ele vai!*”, 355a) “*Olha onde é que ele foi!*” e 365b) “*Olha onde é que ele tem ido!*” são gramaticais. A estrutura de subordinação parece justificar a permanência do constituinte “é que” na estrutura exclamativa. Se compararmos com “Onde é que ele vai!”, dificilmente interpretamos esta frase como exclamativa; interpretamo-la como interrogativa. Sendo assim, a presença ou a ausência de *é que* focalizador parece relacionar-se com a periferia esquerda da frase; isto é, caso possua outros constituintes à sua esquerda, em particular

o carácter encaixado, como complemento de um V superior, podemos encontrar aquilo que Barbosa (2013) considerou exclamativa subordinada, com possibilidade de focalizar o constituinte *onde*.

Nas interrogativas, é admissível o movimento do sintagma Q para uma posição inicial, como especificador de CP, como em “Que sei eu?!”, ou para uma posição *in situ*: “Eu sei o quê?”. Nas exclamativas Q é impossível que o sintagma Q surja *in situ*, como vimos no Capítulo II. Assim, 356) “Que linda menina vem ali!” é uma frase exclamativa aceitável, o que não sucede com 357) “*Vem ali que linda menina!”.

Assim, um exemplo como (359), em que o sintagma Q surge na posição final, parece ser uma interrogativa com constituinte *Q in situ*, uma espécie de “interrogativa eco”:

358) Tu sabes a verdade e não queres contar-nos!

359) Eu sei o quê?! Não sei nada.

Já vimos que, nas interrogativas Q, o constituinte Q corresponde a uma variável por identificar, como acontece nos exemplos 354) Que é que foi? e 360) Que mais irão eles inventar? Existem, por vezes, interrogativas Q que, sendo retóricas, não possuem uma variável por identificar e por essa razão assemelham-se a exclamativas, como, por exemplo, 361) Que pretendemos? Que chumbe? Homem!

3.4.2. Optativas e exclamativas Q

O interesse em estudar as optativas e as exclamativas Q relaciona-se com a similaridade estrutural entre ambas, ainda que apresentem aspetos diferenciadores.

Quanto às frases optativas, é possível verificar algumas propriedades distintivas para determinar a forma destas construções, em comparação com as exclamativas Q (cf. Duarte, 2003). Com efeito, nas frases anteriormente referidas, de que são exemplos 335) “Que Deus me ajude!” e 336) “Que a perna lhe seja leve!”, o verbo está sempre no modo conjuntivo, aspeto típico das frases optativas e que configura a formulação de uma vontade ou desejo do enunciador. Estas frases poderiam fazer-se acompanhar com

“Espero que”, “Tomara”, “Oxalá” ou “Queira Deus”, estando esta expressão logo ao início da frase: 362) “Espero que a cegonha os traga depressa!”, 363) “Queira Deus que hoje seja o início da luta!”, 364) “Tomara que a perna lhes seja leve!”, entre outros exemplos.

O complementador *que*, se estiver no início da frase, pode ser omitido numa frase optativa, não lhe retirando sentido. Comparem-se os exemplos 366) “Que sejam felizes!”, 367) “Sejam felizes!”, 368) “Que me caia um raio em cima se não é verdade!” e 369) “Caia-me um raio em cima se não é verdade!”.

Já vimos no Capítulo I que optativas e exclamativas se diferenciam também do ponto de vista semântico. Embora ambos os tipos de frase expressem emoções intrínsecas ao falante, as optativas caracterizam-se por exprimirem um desejo ou vontade de quem as profere, como, por exemplo, na frase 370) “Oxalá que eles cheguem depressa!”; as exclamativas têm um escopo mais alargado, exprimindo reações e opiniões subjetivas e não unicamente um desejo do falante perante um dado estado de coisas: 371) “Que lindo dia!”, 372) “Que segurança transmitiram estes médicos às pessoas!” ou 373) “Que belo filme que isto dava!”.

Feita uma breve caracterização das interrogativas Q e das optativas, com as quais, por vezes, as exclamativas são confundidas, procederemos agora a uma análise mas detalhada de algumas exclamativas Q de tipo frásico.

3.4.3. Exclamativas Q frásicas

Nestes tipos de frases encontram-se estruturas em que o *Que* inicial se inclui em SNs (sintagmas nominais) e SADJS (sintagmas adjetivais), apresentando construções heterogéneas. Como já referimos, não faremos uma análise das exclamativas parciais elípticas, porque isso conduziria a uma análise fina da sintaxe do SN e do SADJ, que está fora do âmbito desta dissertação. Apenas nos dedicaremos às exclamativas Q frásicas. Começaremos por destacar e discutir algumas propriedades semânticas.

- Atitude não neutra, factividade e ego-evidencialidade

Em todas as frases incluídas neste grupo, está patente, semântica e pragmaticamente, a atitude não neutra do falante e a demonstração do seu estado mental. Estas frases são marcadas pela “força frásica” referida por Zanuttini e Portner (2003), através de características como a factividade, isto é, a pressuposição da verdade da proposição expressa e pela ego-evidencialidade referida por Marandin (2008) por exprimirem juízos sobre situações cuja origem é o próprio sujeito enunciador.

- A negação expletiva

A respeito da possibilidade de negação, convém notar que esta é viável se for expletiva, ou seja, se se pretender reforçar o sentido afirmativo da frase ou a reação / sentimento do falante face à proposição expressa. Se a negação for regular (isto é, literal), a frase não é, em geral, aceitável porque contradiz a pressuposição de verdade da proposição subjacente, isto é, contrariando a factividade. Vejamos o exemplo de Duarte (2003), para quem “E ele não me diz que vai faltar ao teste!” apresenta negação expletiva, ou seja, é equivalente a “Ele disse-me que vai faltar ao teste!”.

Vejamos outros exemplos de exclamativas Q não encaixadas:

374) Que falta de senso *mostrou* este rapaz!

Negação regular: 375) “*Que falta de senso não *mostrou* este rapaz!” (Nega-se que o rapaz tenha mostrado falta de senso quando se quer sugerir o contrário).

Negação expletiva: 376) “Que falta de senso não *mostrou* este rapaz!” (Então não foi? A maior falta que já vi!).

377) Que grande surpresa que ele *teve*!

Negação regular: 378) “*Que grande surpresa que ele não *teve*!” (estamos a colocar numa escala gradativa algo que não aconteceu, e que por isso não pode ser medido). Por isso, o exemplo é agramatical.

Negação expletiva: 379) “Que grande surpresa que ele não teve!” (raciocínio implícito: a surpresa foi a maior que se possa imaginar).

380) Que vergonha foi aquele jogo!

Negação regular: 381) “*Que vergonha não foi aquele jogo!”.

Se quiser dizer que o jogo não foi uma vergonha, o falante não optará por uma exclamativa Q, mas antes por uma exclamativa de outro tipo: 382) “Aquele jogo não foi uma vergonha! (aliás, correu melhor do que os anteriores!) ou, simplesmente, usará uma declarativa, como 383) “Aquele jogo não foi uma vergonha, parece-me que correu bem”.

Negação expletiva: 384) “Que vergonha não foi aquele jogo! (não esperava que corresse tão mal!)”. A partícula de negação não cumpre a sua função “canónica”, mas antes reforça o sentimento negativo do enunciador.

Quer dizer, nas exclamativas Q frásicas, a negação, quando presente, parece ser expletiva. Tal relaciona-se com o facto de as exclamativas exprimirem uma proposição pressuposta como verdadeira; as exclamativas são factivas, exprimindo o envolvimento do enunciador com a proposição expressa; a sua atitude não é indiferente, exprimindo sempre uma avaliação positiva ou negativa, bem como a referência do locutor a uma dada propriedade graduável.

No entanto, tal como vimos no Capítulo II, a negação parece poder ter também valor literal de negação frásica em estruturas exclamativas encaixadas, como no exemplo de Duarte (2003) “Então ele não me diz que vai faltar ao teste?!” (2003:480). O carácter encaixado das exclamativas parece criar condições para o surgimento da negação frásica, questão que não aprofundaremos.

E quanto à forma? Que aspetos determinam, sintaticamente, que estamos perante uma frase exclamativa? Retomaremos alguns critérios já notados e referenciados em

Michaelis (2001), Ambar (2001), Duarte (2003), Castroviejo (2008), Villalba (2008) e Amaral (2009).

- i. No que toca à forma, é possível a coocorrência com interjeições. As interjeições, mesmo quando não figuram em estruturas tipicamente exclamativas, atribuem sempre às frases um pendor de exclamação. A interjeição surge tanto no início das frases, como na parte direita da estrutura:

386) Que tragédia a nossa, chiça!

387) Que triste fim de vida, bolas!

389) Que este miúdo não tem emenda já sabias, que diabo!

- ii. Nas exclamativas há sempre uma carga avaliativa, que é dada muitas vezes pelos nomes valorativos ou pela presença de adjetivos. Nos exemplos de 390) a 393), que se seguem, dá-se a subida do sintagma Q na estrutura. Nos dois primeiros exemplos, 390) e 391), é dispensada a presença de um adjetivo que qualifique a *ideia* ou a *tragédia*; os nomes em causa bastam para se pressupor a reação positiva ou negativa do enunciador, principalmente em *tragédia*, um nome que é suficientemente forte para a presunção de uma emoção negativa. Nos casos seguintes, 392) e 393), o deslocamento do sintagma Q para o lado esquerdo da frase, bem como a inversão sujeito-verbo, contribuem para a expressividade das exclamativas.

390) *Que ideia* foi a sua!

391) *Que tragédia* tem sido a nossa!

392) *Que esperta* é esta rapariga! (“esta rapariga é x esperta / esperta em alto grau”)

393) *Que coisa feia* é a inveja! (“a inveja é uma coisa feia”).

- iii. Como temos vindo a notar e como foi referido nos Capítulos I e II, as frases exclamativas Q são muito similares, estruturalmente, às interrogativas Q, pois

nos dois tipos de frase opera o movimento Q para a periferia esquerda da frase, o que foi corroborado pelo *corpus*.

No entanto, há propriedades que as distinguem. Vejamos as diferenças entre os seguintes pares de frases:

- 394a) Quantas pessoas foram ao concerto?
- 394b) Quantas pessoas foram ao concerto!
- 395a) *Que quantidade incrível de pessoas foi ao concerto?
- 395b) Que quantidade incrível de pessoas foi ao concerto!
- 396a) Que indumentária se usa para entrar naquela festa?
- 396b) Que indumentária se usa para entrar naquela festa!
- 397a) *Que indumentária luxuosa se usa para entrar naquelas festas?
- 397b) Que indumentária luxuosa se usa para entrar naquela festa!

Nos pares de frases 394), vemos que “Quantas” é adequado para interrogar qual a quantidade de pessoas, na frase a) e na frase exclamativa, b), “Quantas” tem um valor de quantidade elevada. Quer dizer, neste par de frases interrogativas e exclamativas é possível detetar que a única alteração é, de facto, o propósito da frase, a prosódia e a entoação. Algo paralelo se passa no par 396).

Mas nos pares de frases numerados 395) a 397), existem particularidades a reter no que concerne às características distintivas das exclamativas e das interrogativas. Nas exclamativas, o valor da variável é conhecido e na versão interrogativa é desconhecido.

Nos pares 395) e 397), a presença do modificador adjetival é incompatível com a frase interrogativa, mas é legítima na frase exclamativa. Como defende Castroviejo Miró (2008), as exclamativas Q não exprimem perguntas porque, para além da entoação, que não é apropriada, não possuem os marcadores gramaticais que estão associados à falta de comprometimento do falante (2008:07).

iv. Movimento relativamente à ordem canónica e inversão sujeito-verbo.

As inversões são também características das exclamativas frásicas. O movimento Q para a periferia esquerda e a inversão sujeito-verbo em alguns casos constituem estratégias de ênfase e permitem reforçar a intensidade que se pretende dar ao que é expresso.

398) *Que belo filme* que isto dava!

399) *Que corajosa* que és!

400) *Que esperto* nos saiu aquele miúdo!

v. Factividade e estrutura sintática.

A ideia de que o conteúdo das exclamativas é pressuposto relaciona-se com a sua factividade. De acordo com Zanuttini e Portner (2003), existe na estrutura sintática da frase exclamativa uma posição destinada a albergar o operador factivo. Deste modo, as exclamativas caracterizam-se pela existência de várias camadas na estrutura de CP, tendo de albergar o operador Q e o morfema factivo, o que se reflete na sintaxe deste tipo de frases. Assim, propõem a estrutura (401) para uma exclamativa frásica encaixada:

401)... [CP [[C that_i [CP FACT [[C t_i] IP]]]]]

Ainda de acordo com os mesmos autores certas declarativas encaixadas também possuiriam o operador factividade, não podendo, contudo, possuir constituintes Q interrogativos (cf. Zanuttini e Portner, 2003:29). É o caso das exclamativas como 402a) “The things he says!” representada em 402b):

402b) [DP [[D the] [NP things [CP WH [[C Ø [CP FACT [[C Ø] [IP he says]]]]]]]]]

Vemos que, novamente, os autores propõem que há um CP adicional para albergar FACT.

Ambar (2001) também propõe que as exclamativas têm uma estrutura mais hierárquica do que as interrogativas, ao defender que naquelas o sintagma Q se situa numa posição de especificador de EvaluativeP acima de AssertiveP.

A posição de Zanuttini e Portner (2003, assim como o tratamento de Ambar (2001) e Amaral (2009) colocam várias questões:

- Haverá justificação que sustente a ideia apresentada por Zanuttini e Portner (2003) de que existe na estrutura uma posição para um nó factivo, ou a factividade é um conceito semântico, não tendo representação estrutural? Do mesmo modo, haverá justificação para a recursividade de CP, como defendem aqueles autores?
- Haverá justificação para a representação de EvaluativeP e AssertiveP [+ FocP], como advogam Ambar (2001) e Amaral (2009)?
- Será possível que, numa estrutura mais simples, possamos representar a construção exclamativa, atendendo a todas as suas propriedades, adotando uma estrutura como Duarte (2003)?

Como vimos no Capítulo I, Grimshaw propõe que as exclamativas são factivas porque envolvem a pressuposição de verdade do que expressam. Desta forma, a factividade é vista como um conceito semântico e, na nossa perspetiva, não está necessariamente refletida sintaticamente. Pensamos que a factividade pode estar presente no enunciado através de outros processos que não sejam sintáticos, ligados ao sentido da frase. Parece-nos viável a ideia de que uma estrutura mais simples mantenha a expressão da factividade sem recurso a uma posição específica para o efeito.

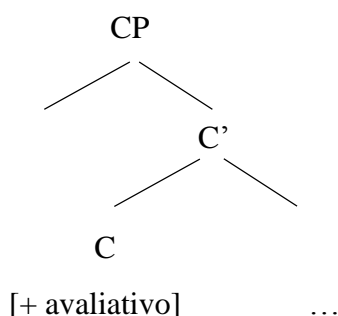
Por seu turno, a ideia da existência do nó AssertiveP, postulada por Ambar (2001), é posta em causa por Alexandre (2009:122). Quando analisa as estruturas interrogativas Q em cabo-verdiano, esta autora diz que “[...] *in situ* wh-questions do not seem to require an assertive value and do not need to project AssertiveP”.

Quer dizer, Alexandre (2009) considera que AssertiveP é uma projeção que não deve figurar em interrogativas, porque requer a expressão de um valor de verdade, valor que está ausente das interrogativas. Desta forma, uma interrogativa não pode apresentar uma projeção Assertive uma vez que o valor da variável é desconhecido.

De forma semelhante, parece-nos que esta reflexão pode estender-se às exclamativas, dado que, como são avaliativas, fará mais sentido que estivessem apenas dotadas de EvaluativeP, já que as exclamativas não possuem necessariamente valor de verdade. Assim, devido ao valor subjetivo e avaliativo que está presente nas exclamativas, estas poderiam ser dotadas de uma projeção EvaluativeP, mas não de AssertiveP.

Feitas estas considerações, passamos a responder à terceira questão que colocámos. A análise que propomos apoia-se nas ideias de Duarte (2003), seguindo a ideia de que existe, como refere a autora, um nó avaliativo na posição C da estrutura de CP, nó esse que é o local onde “repousa” o teor avaliativo da frase. Por vezes, nessa posição surge um elemento lexicalizado (*que*), mas nem sempre isso ocorre. C codifica o traço [+avaliativo], podendo ou não estar associado ao traço [+Q].

A estrutura de uma estrutura frásica exclamativa representa-se, então, da seguinte forma:



Sendo que a posição de especificador de CP deve ser ocupada por um constituinte *Q* *Que X* com um valor de grau, como em “Que violento que foi o acidente!”, a versão parcial e exclamativa da frase “O acidente foi tão violento!”.

Da diversidade patente no nosso *corpus* são exemplos as frases seguintes:

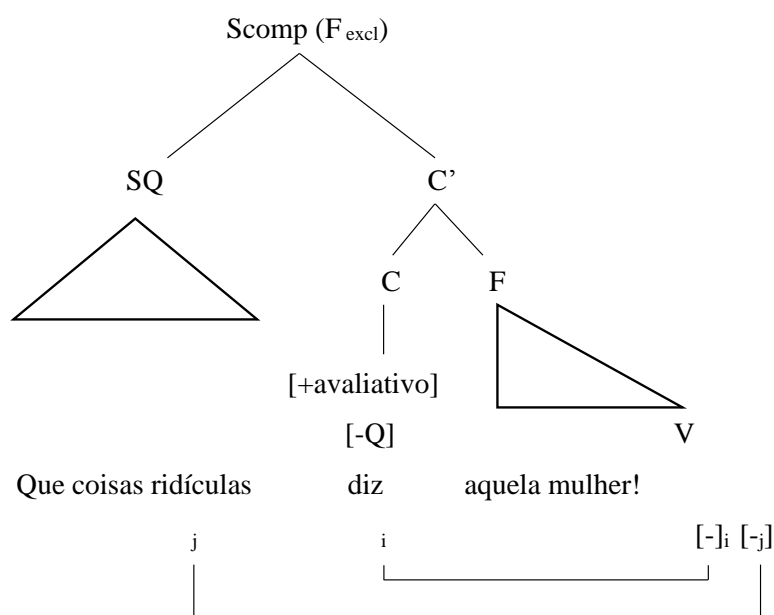
- 403a) Aquele homem diz cada/tanta (s) parvoíce(s)!
- 403b) Que / Quanta(s) parvoíce(s) diz aquele homem!
- 404a) Que amiguinho que ele é!
- 404b) Ele é (cá) um amiguinho!

- 405a) Que homem que ele era!
 405b) Ele era (cá) um homem!
 406a) Isto dava um belo filme!
 406b) Que belo filme que isto dava!

O *corpus* tem exemplos de vários tipos: com a ordem canónica SVO (406a) e prosódia exclamativa, além de algum quantificador (403a), com o constituinte exclamativo a ser atraído para a periferia esquerda da frase (403b, 404a, 405a, 406b)); exemplos em que C é lexicalmente realizado através de *que* (405a, 406b) ou através do V, justificando a inversão sujeito-verbo (403b).

Apresentamos, seguidamente, as estruturas de algumas frases exclamativas Q do *corpus* analisadas de acordo com a proposta de Duarte (2003).

- 407) “Que coisas ridículas diz aquela mulher!”



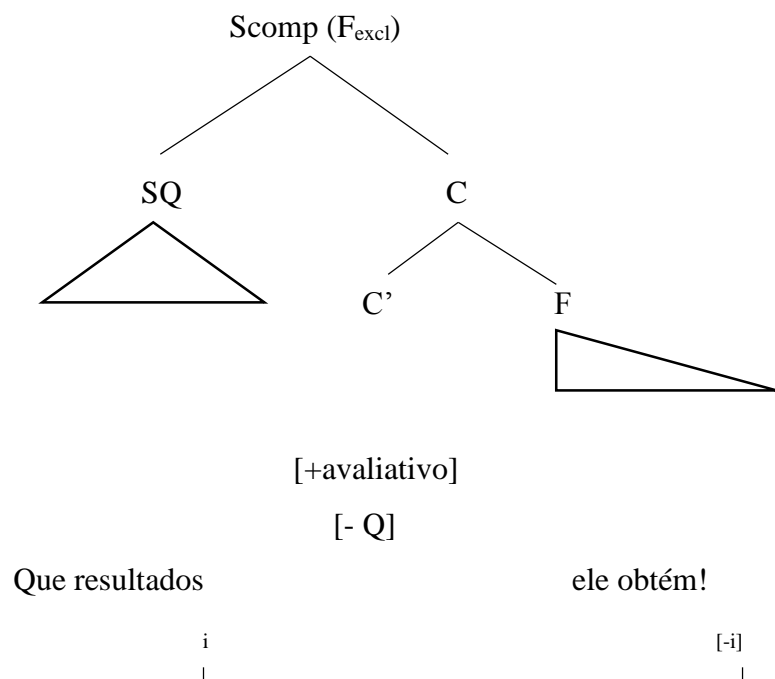
No exemplo 407), verifica-se que existe inversão sujeito-verbo relativamente à ordem canónica do Português. A ordem SVO traduzir-se-ia na frase 408) “Aquele mulher diz coisas ridículas” ou na versão exclamativa 408b) “Que coisas ridículas aquela mulher diz”. O verbo *diz* move-se para C (cf. Ambar,1992; Amaral, 2009; Martins, 2013). É no

núcleo de C que está alojado o traço [+ avaliativo]. O sintagma Q, onde está o quantificador exclamativo, move-se para a periferia esquerda da frase.

É através do movimento do objeto direto, um constituinte Q, para a posição inicial da frase, bem como pela deslocação do verbo da sua posição de origem para a posição C da estrutura, traduzindo-se em alterações sintáticas, que o valor semântico e pragmático é também alterado. Podemos ver que a exclamativa Q possui maior expressividade do que a frase declarativa correspondente, que seria 408) “Aquela mulher diz coisas ridículas”.

Existem, também, estruturas exclamativas Q em que o núcleo de C não está lexicalmente preenchido. É exemplo disso a seguinte frase, cuja estrutura se esquematiza abaixo:

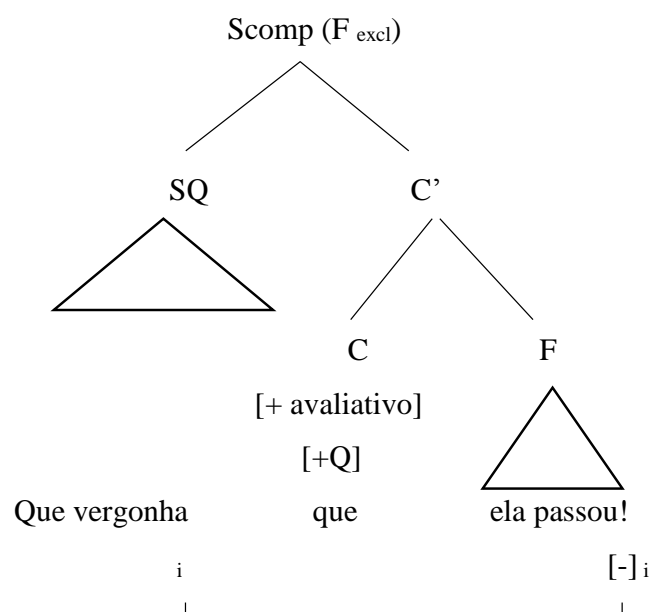
409) “Que resultados ele obtém!”



O exemplo 409) “Que resultados ele obtém!” pode ter uma versão em que C apareceria preenchido com material lexical: 410) “Que resultados *que* ele obtém!” seria uma alternativa viável, semanticamente similar. Também neste exemplo se verifica a atração do sintagma Q para o início da frase, mas não existe inversão sujeito-verbo.

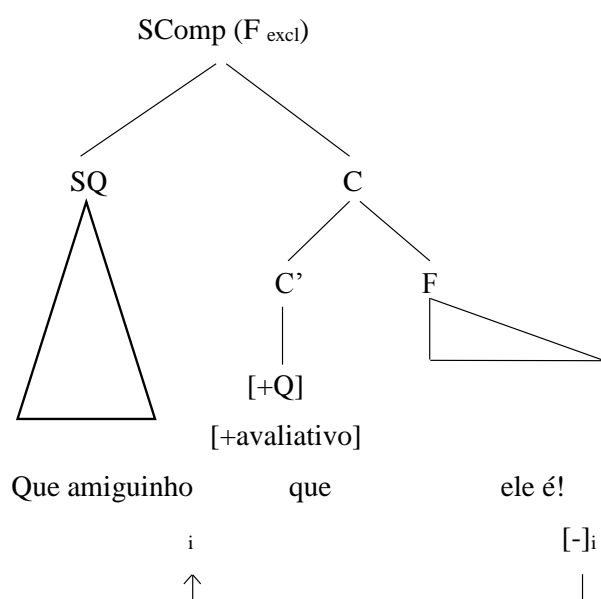
Analizamos agora algumas exclamativas frásicas em que C está preenchido por *que*. Assim, analisamos, para terminar, os exemplos 410a), 411a), 412a, b).

(410) “Que vergonha que ela passou!”

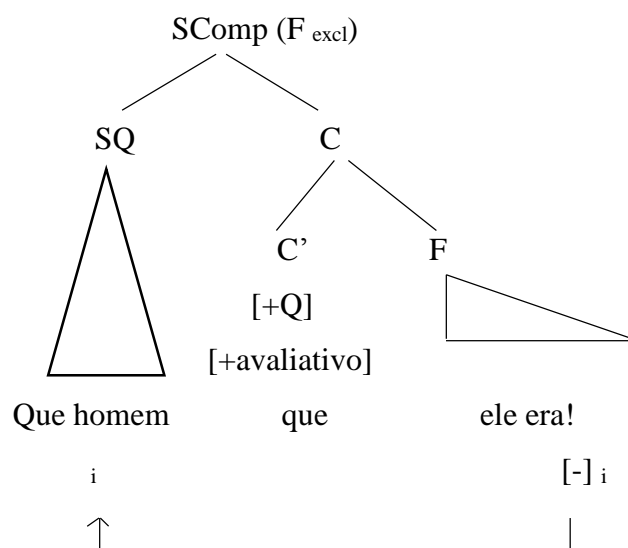


No exemplo 410), o núcleo funcional de C está lexicalizado através do complementador *que*, onde se situa o traço **[+ avaliativo]**. A expressão em que se integra o quantificador exclamativo, “que vergonha”, é atraída para o início da frase. Não existe inversão sujeito-verbo, mas há inversão da ordem SVO para a ordem OSV. Esta alteração, que desloca o sintagma Q objeto direto para o início da frase, dota a estrutura de maior expressividade, comparativamente à frase na ordem canónica “Ela passou (muita) vergonha”. Segundo Duarte (2003), o traço **[+Q]** desencadeia o movimento do sintagma Q para a posição de especificador de C.

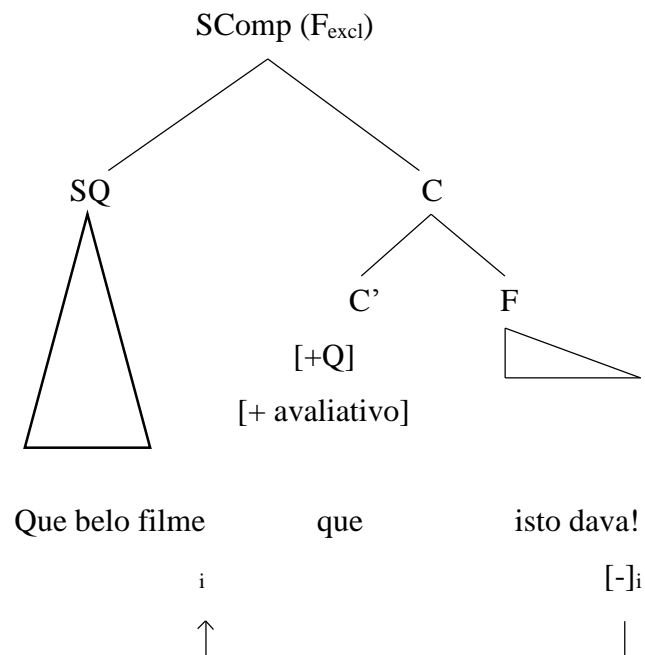
Estrutura do exemplo 411a):



Estrutura do exemplo 412a):



Estrutura do exemplo 412b):



3.5. Conclusões do Capítulo III

Após analisarmos alguns exemplos de estruturas exclamativas Q frásicas, podemos sumarizar os aspetos mais relevantes deste capítulo.

Tentámos descrever as frases exclamativas Q através dos recursos sintáticos e semânticos, que são indissociáveis para a compreensão destas construções.

Semanticamente, importa reter a ideia de que o sintagma Q possui um valor avaliativo intensificador intrínseco, acompanhado ou não de adjetivos, e por si só é bastante para a expressão de uma avaliação que o enunciador faz da entidade expressa. Para esta expressão, contribuem aspetos pragmáticos, a situação em que a frase é proferida e aspetos sintáticos, determinantes para este fim.

Assim, nos exemplos de exclamativas Q analisadas, está patente ou implícita uma propriedade graduável, ligada à emoção ou atitude do falante face ao que expressa. A postura do enunciador revela comprometimento para com a ideia explanada na frase.

Existe, pois, uma avaliação de uma situação, seja negativa ou positiva. A negatividade ou positividade características destas frases são geralmente facilmente aduzidas; outras vezes, deixam dúvidas que só o contexto pode esclarecer.

Quanto à possibilidade de negação neste tipo de frases, vimos que, habitualmente, as exclamativas Q não aceitam negação regular, isto é, a negação frásica, o que se relaciona com o facto de serem frases factivas. A negação, quando ocorre em exclamativas Q, é tipicamente expletiva; transmite o reforço da afirmação de uma crença ou de uma atitude, e não, como é expectável em frases negativas, o oposto.

Zanuttini e Portner (2003) e Ambar (2001), advogam que as exclamativas possuem mais um nível estrutural do que as interrogativas. Zanuttini e Portner sugerem que a factividade das exclamativas se encontra codificada sintaticamente numa *layer* extra da posição CP. No entanto, como dissemos, pensamos que a factividade não se materializa sintaticamente, pois não parece haver evidência em PE para esse nível adicional nem tão pouco para uma categoria FACT.

Adotámos a proposta de Duarte (2003), segundo a qual existe um traço avaliativo nestas frases, que se situa na posição C.

Pudemos verificar que as exclamativas Q são estruturalmente muito similares às interrogativas Q, ideia que é amplamente defendida na literatura. Os traços [+avaliativo] [+Q] fazem toda a diferença entre estes dois tipos de frases.

Assim, a sintaxe das exclamativas Q é marcada, principalmente, pelas seguintes características:

- i. Movimento do sintagma Q para a periferia esquerda da frase;
- ii. O núcleo de C alberga, na perspetiva que seguimos, os traços [+avaliativo] e [+Q] que, segundo Duarte (2003), são a essência da frase exclamativa Q
- iii. O núcleo de C está, por vezes, preenchido com material lexical, que pode ser o complementador *que*;
- iv. Movimento do verbo para C, justificando a inversão sujeito-verbo.

Não adotámos nem a periferia esquerda detalhada de Ambar (2001) e Amaral (2009), na sequência de Rizzi (1999) nem a perspectiva de Zanuttini e Portner (2003), que advogam a recursividade de CP e um nó suplementar a que chamam FACT, por nos parecer que qualquer das propostas implica uma complexidade desnecessária à estrutura sintática. Por essa razão, adotámos a estrutura de Duarte (2003), segundo a qual, como anteriormente expusemos, a tónica recai no traço avaliativo em C, no movimento sintático do sintagma Q e, também, na subida do V para C.

Conclusões

Esta dissertação constituiu uma tentativa de análise e sistematização de algumas propriedades sintáticas e semânticas das frases exclamativas Q frásicas.

Iniciámos o trabalho discutindo os conceitos de exclamação e exclamativa, que distinguimos: a exclamação é um conceito pragmático, que pode estar presente em diversos tipos de construções, enquanto a exclamativa é um conceito sintático, já que, conforme afirmam Zanuttini e Portner (2003) está ligada à força frásica da estrutura. Assim sendo, uma frase poderá apresentar a força ilocutória da exclamação sem ser uma frase exclamativa.

Procurámos apresentar as principais propriedades semânticas das frases exclamativas. Abordámos o conceito de factividade, que se revela extremamente importante no estudo da frase exclamativa. Com efeito, a factividade é uma propriedade segundo a qual existe pressuposição de que o conteúdo expresso na frase exclamativa é verdadeiro; isto tem consequências a nível estrutural, como, por exemplo, ao nível da impossibilidade de negação frásica neste tipo de frases e ao favorecimento da negação expletiva. Contudo, notámos que algumas exclamativas complexas permitem negação frásica, aspeto que não pudemos explorar e que merece uma análise futura.

Zanuttini e Portner (2003) assumem a ideia de que a factividade está patenteada estruturalmente na frase. Estes autores defendem que existe uma posição na estrutura sintática especificamente destinada a albergar a factividade, através de um operador factivo. Uma das questões colocadas nesta dissertação, no Capítulo III, foi, precisamente, se seria justificável a exigência da representação da factividade na estrutura sintática. Embora esta questão mereça um estudo aprofundado, parece-nos plausível defender desde já que a factividade não está obrigatoriamente refletida sintaticamente, dado que se trata de um conceito semântico.

Além da propriedade da factividade, as frases exclamativas caracterizam-se pelo comprometimento do falante face ao conteúdo que a frase expressa, a sua atitude

emotiva / afetiva em relação à situação a que a frase se refere e a existência de uma variável identificada, acerca da qual o falante exerce tipicamente um juízo de valor.

No que concerne à análise sintática. Ambar (2001) e Amaral (2009) advogam a favor das projeções de AssertiveP e EvaluativeP nas exclamativas frásicas; inspirando-nos em Alexandre (2009) - ainda que sobre as interrogativas - defendemos a incompatibilidade de uma projeção assertiva nas estruturas exclamativas, por não possuírem valor de verdade. Concordamos que talvez faça sentido que uma frase exclamativa, dotada de subjetividade e avaliação, tenha a projeção EvaluativeP, mas não AssertiveP, dado que as exclamativas não têm valor de verdade. No entanto, adotando o traço [+avaliativo] em C tal categoria funcional é também dispensável.

Assim, nesta dissertação, assumimos que é possível representar uma frase exclamativa Q com recurso a uma estrutura mais simples, no seguimento de Duarte (2000, 2003), não sendo necessário recorrer a estruturas mais complexas e hierarquizadas, do tipo de Rizzi (1999), Ambar (2001) e Amaral (2009). A proposta de Duarte (2003), é a de que CP deve conter um traço [+avaliativo] e um traço [+Q], que justificam os mecanismos sintáticos mais importantes das exclamativas Q.

As exclamativas Q caracterizam-se ainda pela frequente coocorrência com interjeições, pela possibilidade de ocorrerem em subordinação a verbos factivos, pela possibilidade de inversão sujeito-verbo, pelo movimento Q para a periferia esquerda da frase e pela possibilidade de C se lexicalizar através da presença de *que*.

Foi também nosso objetivo verificar as propriedades que distinguem as exclamativas de outros tipos de frase, em particular das interrogativas e das optativas, tarefa que realizámos no Capítulo III.

Esperamos ter contribuído, ainda que modestamente, para um melhor conhecimento da sintaxe das frases exclamativas e seus valores semântico-pragmáticos, desejando que, no futuro, seja possível aprofundar este tema e responder a tantas questões que se levantaram no decurso da investigação.

Referências bibliográficas

Alexandre, Nélia (2009). *Wh-construction in Cape Verdean creole: extension of the copy theory of movement*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Alonso-Cortés, Ángel (1999). Las construcciones exclamativas. In: Ignacio Bosque e Violeta Demonte (orgs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, Madrid, Espasa Calpe, vol. 3, cap. 61, pp. 3995-3999.

Amaral, Diana (2009). *Algumas construções-Wh em Português europeu, periferia esquerda e fases*”. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

_____ (2009). Interrogativas-WH: Periferia Esquerda e Fases. Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, pp. 61-79.

Ambar, Manuela (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Lisboa: Edições Colibri.

_____ (2001). Wh-Asymmetries. In Anna-Maria Di Sciullo (ed.) *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam /USA: John Benjamins, pp. 209-250.

_____ (2002). Wh-questions and Wh-exclamatives – unifying mirror effects. In Claire Beyssade, Reineke Bok-Bennema, Frank Drijkoningen & Paola Monachesi (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2000* John Benjamins Publishing Company. Disponível na www em

http://books.google.pt/books?id=6dM5AAAAQBAJ&pg=PA33&lpg=PA33&dq=factivity+grimshaw&source=bl&ots=0neupjxQXe&sig=3LnMXa_MMBBeB7yt9s07NlGe1naw&hl=pt-PT&sa=X&ei=66gSVMfwKpLnaJq1gfgE&ved=0CCoQ6AEwAg#v=onepage&q=factivity%20grimshaw&f=false

Barbosa, Pilar (2013). A subordinação argumental finita. In Raposo, E.P., Nascimento, F., Mota, A., Segura, M. L. e Mendes, A. *Gramática do Português*. Volume II. Fundação Calouste Gulbenkian.

Brito, Ana Maria (1983). Frases e expressões exclamativas. In Mateus, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina, pp. 252-256.

Castroviejo Miró, Elena (2004). *Wh-exclamatives in Catalan*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Barcelona. Disponível na www em <http://semanticsarchive.net/Archive/mU5NDRmM/wh-exclamatives-in-Catalan.pdf>

_____ (2008). Deconstructing Exclamations. *Catalan Journal of Linguistics*, vol. 7, pp. 41-90.

Chomsky, Noam (1981). Sintagma-Q, In *Dicionário de Termos Linguísticos*, disponível na www em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=terminology&act=view&id=3661>

Cunha, Celso e Cintra, Luís *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa (1ª ed. 1984).

Duarte, Inês (2000). *Língua Portuguesa - Instrumentos de Análise*, Lisboa: Universidade Aberta.

_____ (2003). Frases exclamativas. In Mateus, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, pp. 479 -489.

González Rodríguez, Raquel (2008). Exclamative Wh-Phrases as Positive Polarity Items. *Catalan Journal of Linguistics*, vol. 7, pp. 91-116.

Grimshaw, Jane (1979). Complement Selection and the Lexicon. In *Linguistic Inquiry* Volume 10 Nº 2, pp. 279-236. Disponível na www em <http://web.mit.edu/norvin/www/24.902/Grimshaw.pdf>

Gutiérrez-Rexach, Javier (2008). Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface. *Catalan Journal of Linguistics*, vol. 7, pp. 117-133.

Marandin, Jean-Marie (2008). *The exclamative clause type in French*, disponível na www em <http://cslipublications.stanford.edu/HPSG/9/marandin.pdf>

Martins, Ana Maria (2013). The interplay between VSO and coordination in two types of non-degree exclamatives. Com. apresentada no *Going Romance 2013*, 27-29

Novembro, Amsterdão. Disponível na [www](http://revistes.uab.cat/catJL/article/view/v12-martins) em <http://revistes.uab.cat/catJL/article/view/v12-martins>

Michaelis, Laura (2001). Exclamative Constructions. In M. Haspelmath, E. König, W. Österreicher e W. Raible, (orgs.), *Language Universals and Language Typology: An International Handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, pp.1038-1050. Disponível na [www](http://spot.colorado.edu/~michaeli/Michaelis_Exclamative_Typology.pdf) em http://spot.colorado.edu/~michaeli/Michaelis_Exclamative_Typology.pdf

Milner, Jean-Claude (1978). *De la syntaxe à l'interprétation*. Paris: Le Seuil.

Munaro, Nicola e Obenauer, Hans-Georg, (1999). *On underspecified wh-elements in pseudo. Interrogatives*, disponível na [www](http://lear.unive.it/bitstream/10278/501/1/9.6.pdf) em <http://lear.unive.it/bitstream/10278/501/1/9.6.pdf>

Ramos, Rui (1996). Estratégias argumentativas: as perguntas retóricas. In Abreu, L. M. (coord.) *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas. Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Associação de Estudos Portugueses/Fundação João Jacinto de Magalhães, pp. 171-186. Disponível na [www](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2904/1/perg-ret-ALAE-1995.pdf) em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2904/1/perg-ret-ALAE-1995.pdf>

Rizzi, Luigi (1999). *On the Position “Int(errogative)” in the Left Periphery of the Clause*. Università di Siena. Disponível na [www](http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/int.doc) em www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/int.doc

Sadock, Jerrold e Zwicky, Arnold (1985). Speech act distinctions in syntax, disponível na [www](http://web.stanford.edu/~zwicky/speech-act-distinctions.pdf) em <http://web.stanford.edu/~zwicky/speech-act-distinctions.pdf>

Zanuttini, Raffaella e Portner, Paul, (2003). *Exclamative Clauses: At the Syntax–Semantics Interface*, disponível na [www](http://www9.georgetown.edu/faculty/portnerp/nsfsite/excl-paper.pdf) em <http://www9.georgetown.edu/faculty/portnerp/nsfsite/excl-paper.pdf>

Villalba, Xavier (2008). Exclamatives: A Thematic Guide with Many Questions and Few Answers. *Catalan Journal of Linguistics*, vol. 7, pp. 9-40.

² Utilizei algumas referências bibliográficas indiretas. Não as coloco nesta bibliografia, dado que já constam nela os títulos a partir dos quais consultei as referências indiretas.